O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 18 DE OUTUBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:307

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Barra d'Aveiro.—Fr. Thomaz.—Procedimento nobre.—A questão da Figueira.—Croquis.—Ao sr. director do correio de Coimbra.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Resoluções do Supremo Tribunal Administrativo.—Folhetim: Magdalena.—Azeitão: Paço dos Aveiros em suas relações com a historia.—A favor do clero.—As tendencias actuaes do clero francez para sahir do isolamento.—Secção agricola.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

BARRA D'AVEIRO

Está feita a encommenda, pelo ministerio das obras publicas, da draga que o illustre titular d'aquella pasta destina ao serviço dos melhoramentos do nosso porto maritimo.

Ainda bem, se assim é.

Acreditámos sempre que o sr. conselheiro Bernardino Machado não faltaria ao cumprimento da sua generosa promessa, e folgamos de ver realisadas as nossas crenças e as uossas esperanças.

Fechado, pois, o pequeno parenthesis que outros assumptos tambem de importancia vieram abrir na sequencia das nossas apreciações ao estado de ruina em que se encontra a barra d'Aveiro, vem a proposito insistir de novo com o nobre ministro na necessidade urgentissima de abreviar quanto possa a vinda da draga, pois que cada vez se vae tornando mais preciso proceder sem demora aos trabalhos de desobstrucção do canal, que uma desgraça, uma fatalidade ou uma serie continua de desacertos, levou até ao estado em que se encontra.

Parece, á primeira vista, uma impertinencia nossa, a condemnação das obras alli feitas desde o seu começo, e todavia, nós somos tambem dos que reconhecem no illustre auctor do antigo plano uma das mais auctorisadas aptidões da engenheria contemporanea.

Não é, portanto, com outro fundamento que não seja o de se utilisar agora o tempo perdido e mal gasto n'um plano que foi um erro e que acarretou comsigo um grave prejuizo para nós e um grandioso sacrificio pecuniario para o estado.

E' porque d'essa obra depende exclusivamente o futuro d'esta terra, como da inutilisação das *Portas d'Agua*, mudando-as ou fechando-as, depende a restauração do antigo regimen das correntes, e portanto o alargamento do canal e a influencia dos destinos da nossa barra. São os resultados da experiencia que o demonstram, são as consequencias naturaes dos acontecimentos que o provam.

Ha muito já que vimos, como melhor o sabemos fazer, apontando os perigos do mal gravissimo que a abertura das *Portas d'Agua* produziu no estado geral do porto e o augmento progressivo que em virtude d'esse forçado desvio de correntes os assoriamentos na ria tomaram nos ultimos tempos. Já em 1886, em resultado d'essa constante agglomeração d'areias dentro da barra, uma draga braçal trabalhou denodadamente durante mezes, n'uma imaginaria destruição dos assoriamentos, cujos resultados previmos e foram nullos como dissémos.

Ora francamente, se esse assoriamento, que era no lado L. das *Portas d'Agua*, nenhuma acção exercia na sua obstrução, com que fim se determinou esse dispendioso serviço, que a final nenhum outro resultado trouxe? E' claro, é positivo que a abertura das *Portas d'Agua* foi um erro gravissimo, e que o phantastico plano de ir desviar uma enorme massa d'aguas do seu natural escoamento, abrir um novo canal, com a profundidade necessaria, atravez de largos tratos de terreno cultivado, e rasgar n'aquelle ponto o unico obstaculo dirigente d'uma prodigiosa corrente para o substituir por uma ponte de luxo, mas perigosa até para quem a atravessa de carro ou a pé, e com o fim de dar accesso a varias outras correntes que annullam por completo o effeito da principal arteria da bacia, foi peior do que isso, porque nos condemnou á ruina e ao abandono de providencias em que temos estado até agora, e ainda aos males a que este estado nos sujeitou.

Remedeie-se, pois, essa desgraça, que no novo plano de modificações julgamos ter remedio, e sobre tudo active quanto possa o sr. ministro das obras publicas a vinda da draga, que é de certo a salvação unica do nosso porto.

FR. THOMAZ

O orgão do sr. Dias Ferreira, que foi no poder o peior de todos os inimigos do povo e das instituições, e na administração do estado o mais encarniçado esbanjador que se ha visto; que pretendeu crear a lei da fome, e que attentou até contra a justiça; que respondia aos soluços da desgraça com os decretos da miseria, e aos gritos soluçantes da viuvez e da orphandade mandando arcabuzar nas praças publicas os eleitores independentes; o orgão do sr. Dias Ferreira, dizia-mos, farto já de censurar na administração dos outros bem menores erros do que de violencias commetteu n'aquelle obnoxio governo de maldição que elle fez, dizia no seu numero de 12, entre outras coisas e a proposito dos desfalques agora encontrados nas obras publicas, o seguinte:

«O mal vem de cima. A principal missão dos ministros é administrar, e elles entretem-se a politicar».

De duas uma; ou o arrasoado é do sr. Dias Ferreira, e n'esse caso está fazendo a critica dos seus proprios actos, o que achamos bem, porque ao menos chegou a conhecer a ridicula e tristissima figura que fez n'esse ominoso periodo da sua administração vergonhosa e póde tambem ser o inicio d'uma contrição, o que duvidamos; ou o não é e n'esse caso os seus actos de mau conselheiro da corôa são apreciados com desfavor, mas com justiça, no seu proprio jornal, *O Tempo*.

D'aqui não ha fugir. Ora vejam como elle se aprecia ou deixa apreciar.

Diz mais a mesma folha:

«O que os ministros sabem perfeitamente, e o que observam com especial cuidado, é o modo de applicar os dinheiros publicos para construcção de estradas que vão a porta dos influentes eleitoraes e para concertos de egrejas que lhes alcancem votos nas eleições dos deputados e até nas eleições das camaras municipaes. O mais não lhes importa».

Oram digam lá que isto não é uma lição de mestre no grande homem! Quem souber, como nós, a historia do heroe de Penacova, que se havia annunciado como o Messias salvador, quando o que elle veio fazer á administração dos negocios publicos, foi tirar de duvidas a quantos credulos havia e iniciar alli a campanha mais torpe e mais punivel de que ha memoria nos annaes da politica criminosa do paiz; quem souber dos subsidios para egrejas e das estradas que elle fez e prometteu para vingar por toda a parte essa eleição de sangue e lucto, que lhe custou tambem a peior de todas as vergonhas, mas que foi o mais notavel e o mais justo de todos os castigos, concordará decerto em que o *Tempo* está a zurzir como é mister o seu illustre amo e senhor.

Que nunca as mãos lhe doam, que jámais assolou as cadeiras do poder uma fatalidade como o foi esse homem á frente dos destinos da nação.

Procedimento nobre

Ao illustre chefe do partido progressista, sr. conselheiro José Luciano de Castro, que terminou ha pouco um trabalho juridico de primeira ordem na importante questão que se ventilou entre o engenheiro, sr. Bartissol e a companhia dos caminhos de ferro do Norte, foi offerecida pela alludida companhia, como compensação aos serviços do abalisado jurisconsulto e illustre homem publico, a quantia de dois contos de reis. Pois tão grandes e tão generosos sentimentos predominam no espirito d'este cavalheiro, que cedeu aquella importante somma em beneficio do cofre da mesma companhia.

Registamos com louvor a magnanimidade do acto do illustre estadista, tão notavel pelos dotes de coração e pela grandeza d'alma, como pelos primores do seu talento e pelas grandiosas manifestações do seu espirito.

A questão da Figueira

O Supremo Tribunal Administrativo concedeu, como dissemos, o effeito suspensivo ao recurso interposto pela commissão districtal de Coimbra contra a douta sentença do meritissimo juiz de direito d'aquella comarca sobre a arrematação das contribuição municipaes da Figueira. Esse recurso, que é uma vergonhosa tentativa contra a justiça e *contra a lei, deveria ter sido regeitado*, porque era manifestamente illegal não só por illegitimidade da recorrente, mas ainda por falta de termo de interposição. O Supremo Tribunal não o entendeu assim, indo causar aos arrematantes o damno irreparavel a que se refere o artigo 399 do Codigo Administrativo, e que tão injustamente foi interpretado d'esta vez.

Esta resolução causou tambem uma impressão tristissima em toda a parte, sendo de justiça que agora se julgue a causa com a maior brevidade. Assim o esperamos, por honra do proprio tribunal, que foi sempre uma garantia de justiça para todos, que é o paladio das liberdades legaes, e que ha de continuar a sêl-o, porque da rectidão de consciencia e da perfeita comprehensão do dever que teem os seus primeiros e mais dignos membros, só podem e só devem os aggravados esperar a justiça.

No começo da questão subjeita, foi decerto uma precipitação ou um mal entendido que determinou a suspensão d'uma sentença justa. O final não poderá deixar de ser a confirmação da decisão do recto juiz de Coimbra, e para o testimunhar, e para o confirmar, ahi estão, publicados n'este mesmo n.º do *Campeão*, repetidos exemplos de causas similhantes. Descancem, pois, os interessados. O Supremo Tribunal Administrativo, onde a lei tem um culto sacratissimo, que os seus principaes juizes respeitam e professam, ha-de fazer-lhes a devida justiça. Está isso no seu animo e no espirito esclarecido e recto dos illustres magistrados, que serão sempre os mesmos defensores das regalias publicas e os mesmos mantenedores do direito e da justiça.

Croquis

E' do *Correio da Tarde*, o que segue:

?

Na politica um dos poucos que ainda podem apparecer de cara descoberta—o seu caracter d'uma probidade irrefutavel impõe-n'o á consideração e á consagração de todos.

O Direito—pedra de toque do seu excepcional talento. Ahi, como em toda a parte onde a sua penna brilhantissima fulgura, como diamante em montão de saphiras, o seu espirito superiormente formado, desliza sempre limpido, n'uma corrente cristalina de ideias, que nos aclaram, que nos convencem, que nos subjugam.

Na camara alta é um dos que mais sconfiança inspira—uma palavra sua é uma maxima, um conselho seu um facto a consumar.

Como chefe d'um dos partidos militantes, que é, tem sabido sempre manter a dignidade da sua bandeira, honrando a memoria do grande estadista, seu antecessor, que á Granja deixou o seu nome vinculado. Alto, magro—e no seu rosto onde a doença tem espelhamentos vagos, retrata-se oda a bondade da sua alma.

Quando nos conselhos da corôa, ninguem que melhor saiba equilibrar as exigencias dos povos—a dignidade é o estalão por onde podem avaliar-se todos os seus actos.

«Timbre»:—A Honra e o Direito.

Fabricius.

Claro como agua, pois que do seu tomo são raros os homes publicos.

AO SR. DIRECTOR DO CORREIO DE COIMBRA

Continuamos a chamar a attenção d'este digno funccionario para os extravios de cartas, que se estão dando e de que é victima um nosso velho e presado amigo, sr. Henrique da Cunha.

Já no nosso n.º 4:304, de 7 do corrente, chamámos a attenção de quem compete, e vemos que as cousas continuam na mesma.

Uma pessoa da amizade do nosso amigo escreveu-lhe da Figueira da Foz, e tal carta não foi entregue.

Estamos certos de que ou o nosso jornal não é lido por o sr. director, ou as providencias não foram dadas. Temos muito que fallar a este respeito, mas guardemos isso para mais tarde.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Do Brazil sabe-se apenas que o bombardeamento continua, causando estragos valiosos. Os habitantes abandonam a cidade, internando-se. Parece que Floriano Peixoto procura organisar uma esquadra de resistencia contra os insurrectos. O que se vê é que as cousas não avançam por nenhum lado, que a desordem e as desgraças por conseguinte continuam a flagellar o paiz que tão feliz fôra sob o regimen monarchico.

Em França continnam os festejos na recepção dos russos. As cousas chegam alli ao delirio. Morreu alli e na sua casa de Laforét o marechal de Mac-Mahon. Foi um general notavel e um politico que honrou o paiz que lhe foi berço.

CARTA DE LISBOA

17 DE OUTUBRO DE 1893.

Como lhe disse na minha anterior, o ultimo conselho de ministros foi importante—tão importante que durou 7 horas. O que lá se tratou ou resolveu, é segredo que por emquanto não transpira. Que ha cousa importante, que se trata d'uma modificação ministerial, é fóra de duvida. O que os proprios promotores d'ella não sabem é como a hão de levar a effeito—visto que na sahida de dois ou tres, ficando o resto, não concordam os que se quer que sáiam. O que, porém, tiver de succeder não poderá demorar-se muito.

— Está melhor o sr. infante D. Affonso. Noticia é esta que dou com verdadeiro prazer. De que vae entrar no periodo de convalescença, não ha já duvida. Sua enfermeira mais effectiva tem sido sua Santa Mãe.

— A policia não tem apurado mais *nada sobre o roubo das obras publicas* —ou se tem apurado mais alguma cousa cala-se com isso, visto que não convém *ir mais longe* nas investigações que possam comprometter mais pessoas. Entretanto a opinião publica falla em mais nomes, em personagens collocados n'uma esphera mais elevada, mas contra os quaes não haverá procedimento, porque isso não conviria...

— O governo determinou-se pela volta immediata a Evora do prelado d'aquella archi-diocese. Para assegurar a ordem na cidade, resolveu demittir alguns empregados de confiança e providenciar de fórma que não possa haver alli mais conflictos. Oxalá que assim succeda.

— Os bons exemplos ainda teem n'este paiz quem os siga. O sr. Julio de Vilhena, um caracter tambem impoluto e digno, cedeu os 2:000$000 reis que lhe foram offerecidos pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes a favor do Instituto Ultramarino. E' um acto nobre, cuja iniciação cabe ao sempre digno e honrado homem publico, sr. Luciano de Castro.

— O sr. general commandante da 4.ª divisão militar pede a sua exoneração d'aquelle elevado cargo, por isso que julga desairada a força do seu commando pelos successos populares que alli se deram na noite de 7 do corrente. As tropas não são desagravadas, o sr. Maciel exonera-se.

— Já regressou a Lisboa da sua digressão ao Minho e á Figueira o sr. conde de Castro—um dos cavalheiros mais respeitaveis d'este paiz.

— O tribunal commercial de Lisboa acaba de decidir que se vendam os vapores da Mala Real Portugueza, ao passo que forem chegando ao Tejo, e com o annuncio previo de 40 dias. Que infelicidade persegue as cousas portuguezas! Uma empreza tão bem auspiciada cáe sem que se lhe possa valer! E' para sentir.

— O sr. Augusto José Gonçalves Fino, 1.º official do correio de Coimbra, pediu a sua aposentação por ter mais de 34 annos de serviço.

— Entrou para a redacção do *Correio da Tarde* o nosso bom amigo, sr. Antonio Sarmento, um dos mais brilhantes espiritos da moderna geração litteraria.

— Já foi levantada a incommunicabilidade aos compromettidos nos desvios das obras publicas, architectos Parente e Avila.

— Devem verificar-se ámanhã as provas definitivas do submarino *Fontes*. Que o auctor seja bem succedido é o que devemos desejar.

— Em sessão de 5 do corrente, e por accordão dos srs. dr. Simões d'Almeida, relator, dr. Reis e monsenhor Serrano, o supremo tribunal da secção pontificia do patriarchado confirmou a sentença da relação ecclesiastica de Lisboa que declarára nullo o matrimonio celebrado na egreja de S. Nicolau d'esta cidade em 10 de outubro de 1877 por Marcellino Marcial Coelho de Amarante, com D. Carolina Amelia Alves, quando ainda era casado, desde 10 de julho de 1876 com D. Maria do Carmo Moniz d'Oliveira, que recebera na egreja da Sé de Angra do Heroismo. O bigamo havia justificado o seu estado livre por meio de testemunhas, que não podem deixar de responder pelo crime que commetteram.

— A bordo do vapor *Equateur*, chegado ante-hontem do Rio de Janeiro, foi preso pela policia do porto de Lisboa, e a requisição das auctoridades da Republica Argentina, Emilio Moral Cazares, accusado do roubo de mil contos de reis ao Banco de Buenos Ayres. Está detido no Lazareto. Este homem, já de 60 annos de edade, vem acompanhado por uma rapariga de 24, que traz grandes valores em joias. Na prisão tem offerecido muito dinheiro para o deixarem fugir, mas inutilmente.

— No *Diario* de hoje vem publicado o seguinte decreto:

Convindo regular os direitos do pessoal de fazenda dos districtos e concelhos, attendendo, quanto o permittem as circumstancias do thesouro, aos legitimos interesses;

Considerando, que, em regra ao pessoal transferido por conveniencia do serviço publico, o Estado concede subsidios de marcha, tanto mais justos e indispensaveis, quanto mais modestos são os vencimentos d'esse pessoal.

Considerando que a administração superior dos serviços aduaneiros abona as despezas de transporte aos empregados respectivos, por transferencia, mudança de situação ou saída em serviço;

Considerando que não ha razão plausivel para exceptuar d'esta equitativa regra os empregados de fazenda dos districtos e concelhos; sendo mister, pois, eliminar esta flagrante desigualdade;

Considerando que a despeza proveniente d'esta medida, aliás justificada e productiva, deve ser modestissima, attendendo á estabilidade garantida a esse pessoal pelos decretos de 14 de setembro passado, e por que são excluidas as transferencias requeridas pelos interessados ou impostas por penalidade:

Ha por bem Sua Magestade El-Rei ordenar o seguinte:

Artigo 1.º Aos empregados de fazenda *dos districtos e concelhos, quando* mudem, de situação, excepto a seu pedido ou por applicação de penalidades, serão abonados os seguintes transportes:

1.º Aos delegados do thesouro, escrivães de fazenda e empregados das repartições districtaes passagem de 1.ª classe nos caminhos de ferro;

2.º Ao restante pessoal passagem de 2.ª classe.

§ unico. Ao pessoal, de que trata este artigo, será tambem abonada a ajuda de custo de 20 réis por kilometro percorrido em estrada ordinaria.

Art. 2.º Aos empregados de fazenda dos districtos e concelhos, que, nas condicções do artigo anterior, forem mudados para as ilhas adjacentes, e reciprocamente, ou entre duas ilhas, além dos transportes, a que se refere o mesmo artigo, ser-lhes-ha abonada a somma necessaria para a passagem nos vapores de carreira:

1.º Aos delegados do thesouro, escrivães de fazenda e empregados das repartições districtaes, em 1.ª classe;

2.º Ao restante pessoal, em 2.ª classe.

Art.º 3.º Para os transportes em caminhos de ferro e navios, serão entregues aos empregados pelas repartições competentes guias, com as quaes devem solicitar das administrações ferro-viarias ou emprezas de navegação os bilhetes respectivos, que serão pagos pelo thesouro nos termos legaes.

§ unico. Se algum empregado preferir o transporte em classe inferior á que lhe competir, ser-lhe-ha abonada a differença em dinheiro.

Art. 4.º As direcções geraes de contabilidade publica e das contribuições directas, de accordo entre si, darão as providencias necessarias para a execução d'estes preceitos, tendo em vista que os transportes e abonos são unicamente devidos aos empregados, com exclusão de qualquer outra pessoa de familia.

Paço, em 14 de outubro de 1893.

—*Augusto Fuschini.*

—O architecto sr. Parente já foi entregue ao juizo criminal, onde lhe foi arbitrada a fiança de 4:000$000 reis—fiança que prestou logo, sendo seus fiadores os srs. Domingos Antonio da Silva Mira, capitalista e industrial; conde da Folgosa, par do reino, e Constantino Roque da Costa, deputado—o 1.º como fiador e os dois como testemunhas abonatorias. O sr. Parente continua a ser o encarregado das obras de Sua Magestade a Rainha viuva, no Estoril.

— Está preso no governo civil, guardado á vista, Antonio d'Oliveira Caraça, dono de uma hospedaria de Castello de Vide, sobre o qual pesa a accusação de haver subtrahido a um hospede que alli ficou objectos e dinheiro no valor de 7:000$000 reis.

— A bordo do vapor *Malange*, chegado hontem do Brazil, veio a companhia do theatro de *D. Maria*. Este notavel barco fez a viagem em 11 dias, trazendo para o paiz 208 passageiros. A bordo deu-se um crime grave. Um carpinteiro, desavindo com outro que tambem regressava, deu-lhe uma punhalada no coração, morrendo logo. O assassino foi preso e posto a ferros na prisão do vapor.

— No ministerio da justiça procedeu-se hoje á classificação dos concorrentes aos logares de conservadores privativos do Credito Predial. O jury era composto do srs. Serra e Moura, Bernardino Pinheiro, Alves de Sá, Taborda (ajudante do sr. procurador regio) e Baima de Bastos. Presidiu o sr. ministro da justiça. Essa tarefa principiou ás 11 horas da manhã findando ás 5 e meia da tarde. Não houve reprovações. O sr. ministro da justiça não quiz sahir do seu gabinete sem que primeiro fosse affixado á entrada do ministerio o resultado do concurso. A'manhã deve proceder-se á classificação dos concorrentes para delegados.

— Passou um ciclone por Cabo Verde, que produziu alli, mas principalmente em S. Vicente, perdas que se calculam em 25:000$000 reis.

Y.

NOTICIARIO

Anniversario. — Passou na segunda-feira o anniversario natalicio de S. M. a Rainha a sr.ª D. Maria Pia. Saudamol-o, pois, respeitosamente, recordando os seus grandes actos de abnegação, de generosidade e de verdadeira caridade que sagráram a Augusta princeza ao affecto e ao reconhecimento do povo portuguez.

Rectificação.—O sr. José Luciano de Castro não sahiu ainda da sua casa d'Anadia para a Figueira. Não sahiu, nem sahirá. Tudo o que a semelhante respeito se tem dito é menos exacto. S. ex.ª regressará da sua casa da Bairrada á sua casa de Lisboa no fim do mez corrente.

O illustre chefe do partido progressista continua a ser alli visitado por muitos dos homens mais importantes da agrupação politica a que preside.

Notas da carteira.—Regressou de Coimbra a Beja o revd.º sr. Bispo d'aquella diocese. Acompanhou-o o nosso presado amigo, sr. conego José MariaAnçã, digno reitor do Seminario d'alli.

Tambem sahiu de Coimbra para a sua diocese, o sr. bispo de Bragança.

— Esteve hontem n'esta cidade o nosso presado amigo, sr. Bernardino Maximo d'Araujo e Albuquerque, illustre chefe do partido progressista no concelho d'Albergaria. S. ex.º veio acompanhar dois de seus sympathicos filhos, que veem completar aqui o curso dos lyceus.

— O sr. Camillo de Bettencourt, nosso considerado amigo, tem passado mal na sua casa de Santarem. Antigos amigos de tão prestante e tão sympathico cidadão, fazemos instantes votos pelo seu completo e prompto restabelecimento.

— Está restabelecido dos seus ultimos incommodos, o nosso presado amigo e correligionario, sr. dr. Roberto Alves, antigo deputado pela Feira e advogado distinctissimo. E'-nos grato poder dar esta noticia.

— Esteve na segunda-feira ultima em Aveiro o nosso presado amigo e digno administrador do concelho de Vagos, sr. Lima Duque.

— Foram na segunda-feira a Carregosa, visitar o nobre sr. Bispo Conde, os nossos presados amigos d'Aveiro, os srs. Padre Manuel Ferreira Pinto de Souza, digno arcypreste, e João Augusto Marques Gomes, distincto publicista. Sua ex.ª revd.ma regressou hontem á sua diocese de Coimbra.

— Regressou da Costa Nova a Aveiro o brilhante escriptor e digno 1.º official do governo civil d'Aveiro, o nosso amigo, sr. dr. Joaquim de Mello Freitas.

— Esteve aqui hontem o sr. abbade da Arrifana, certamente um dos parochos mais illustrados e mais dignos do concelho da Feira.

— Partiu para Coimbra, o nosso apreciavel collaborador e mimoso poeta, o sr. Elysio de Lima e Souza, que vae frequentar o segundo anno juridico.

— Já regressou da Costa Nova do Prado o nosso amigo, sr. Antonio Maria dos Santos Freire, illustrado professor da escola da Vera-Cruz.

— Regressou de Aveiro a Penacova o nosso sympathico patricio e digno recebedor d'aquella comarca, sr. Luiz de Mello Guimarães.

— Já se acha aqui o sr. João José Pereira da Cunha, empregado addido da repartição de fazenda districtal.

Paços do concelho.—O sr. vice-presidente da camara ordenou a reparação exterior do edificio dos paços do concelho, trabalho em que andam alguns operarios desde a semana finda e que era de urgente necessidade. Interiormente, algumas e importantes modificações se fizeram já por iniciativa do activo vereador, devendo estar dentro de pouco á verdadeira altura d'uma terra que é capital de districto a secretaria do seu municipio.

Recrutamento militar.—Na sua sessão de sabbado ultimo, a commissão do recrutamento d'este concelho, proceden á subdivisão dos contingentes militares do corrente anno, pertencendo ás diversas freguezias dar na totalidade 93 recrutas.

A subdivisão está feita pela seguinte forma: Vera-Cruz, 1 para a armada, 9 para o exercito e 5 para a 2.ª reserva, total 15; Gloria, 1 para a armada, 9 para o exercito, 4 para a 2.ª reserva, total 14; Esgueira, 8 para o exercito e 4 para a 2.ª reserva, total 12; Arada, 7 para o exercito, e 3 para a 2.ª reserva, total 10; Oliveirinha, 6 para o exercito, e 2 para a 2.ª reserva, total 8; Cacia, 8 para o exercito e 3 para a 2.ª reserva, total 11; Eixo, 4 para o exercito e 2 para a 2.ª reserva, total 6; Requeixo, 5 para o exercito e 2 para a 2.ª reserva, total 7; Nariz, 3 para o exercito e 1 para a 2.ª reserva, total 4; Palhaça, 4 para o exercito e 2 para a 2.ª reserva, total 6. O dia designado para o sorteio, foi o dia 2 de novembro proximo.

Transferencia.—Foram transferidos, mutuamente, por conveniencia de serviço, os recebedores das comarcas d'Oliveira d'Azemeis e Ponte da Barca, os srs. José Augusto Cesar Corrêa Martins Portugal e Bazilio Corrêa d'Aguiar.

O pharol.—Começou a funccionar no domidgo passado. Já no sabbado á noite e no domingo de manhã se ouviu aqui distinctamente o signal sonoro, ou *sereia*, que hade funccionar nos dias de nevoeiro. O pharol dá uma boa luz, que se avista a muitas leguas. Está, pois, realisado um grande melhoramento, ha muito reclamado pelo partido progressista pela voz dos seus primeiros oradores parlamentares e pela imprensa.

Santa Thereza de Jesus.—Festejou-se muito pomposamente no domingo, no templo das Carmelitas, aquella excelsa doutora da Egreja. A sua decoração estava explendorosa, e a missa solemne foi acompanhada a canto e orgão pelas devotas senhoras alli recolhidas. Prégou o distincto oramento do pulpito portuguez, o sr. dr. Alves Mendes, que fez um discurso soberbo, um dos melhores que lhe temos ouvido. De tarde tambem fez ouvir alli a sua palavra fluente e inspirada.

Lyceu d'Aveiro.—Abriram-se hontem as aulas. A concorrencia d'alumnos é regular.

Factos em Espinho.—Em data de 15 dizem-nos d'alli o seguinte que é curioso:

Nova rusga á roleta. A policia exactamente como os *carabineiros* da engraçada operetta *Les Brigands*, chegou muito tarde. Arrombou com machados, a porta do fundo, deixando livre a principal. Senhoras desmaiaram. Presas as suppostas donas da roleta sendo enviadas para a Villa da Feira, afim de responderem a correcional. Todas as lojas estão fechadas, como protesto contra a policia. Varias familias continuam a abandonar a praia.

Isto lê-se, mas quasi que não se acredita. A policia a orrombar portas a machado, parece inacreditavel, mas é facto que se deu.

Trabalho de pesca.—Na segunda-feira poucas companhas lograram transpôr o banco, tão levantado se pôz o mar. Hontem foi bom e hoje consta-nos que é de trabalho. As pescas foram, n'aquelles dois dias, de nenhuma importancia:—lanços de pesca miúda que se venderam por 6$000 e 8$000 réis. A falta produz a subida do valor da sardinha e por isso as pescas da semana anterior estão hoje por 3$000 réis o milheiro.

Receios.—Os nossos lavradores andam aterrados com a ideia de que a introducção, permittida pelo ultimo tratado, do gado hespanhol, ha-de produzir um grande desiquilibrio no valor dos gados nacionaes. O gado cavallar está já por um preço insignificante, tão insignificante que já ninguem quer criar. Poldros e poldras que ainda ha pouco se vendiam, depois do leite, por 8 e 10 libras, hoje compram-se nas feiras por 2 e 3, as melhores. Produz este resultado a introducção permittida do gado hespanhol, que a final terminará por extinguir as nossas criações bovinas e cavallares. E os lavradores que viviam d'este ramo de industria, da criação e da engorda, ver-se-hão privados d'este meio de receita. Infortunio, sempre infortunio.

Roubo importante.—Na feira de Zafra, em Hespanha, roubaram ao sr. Manuel Vicente Beirão, de S. João da Madeira, 1:800$000 réis. O sr. Manuel Vicente é um dos negociantes de gado cavallar mais importantes e mais conhecido do paiz.

Consequencias.—Os habitantes de Espinho, descontentes cada vez mais com as auctoridades da Feira, a cujo concelho está subordinada a formosa villa, vae, segundo se diz, pedir a desannexação para se encorporar no concelho de Gaya e ficar pertencendo ao districto do Porto. O caso da rusga, a que nos referimos hoje, acabou de descontentar aquelle povo contra as actuaes auctoridades feirenses.

Fallecimento.—Falleceu em Coimbra e repentinamente o sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, administrador da imprensa da universidade alli. A morte do honrado, intelligente e erudito funccionario foi alli muito sentida.

Mais.—Falleceu na sua casa de Villar Secco o sr. Antonio d'Albuquerque e Britto da Silveira Sabatt, que fôra administrador de differentes concelhos na Beira Alta. Era um perfeito homem de bem.

Escrivães de fazenda.—Um collega nosso de Coimbra affirma, que houve alli effectivamente uma reunião de escrivães de fazenda para combinarem no modo de representar contra a ultima reforma feita pelo sr. ministro da fazenda. Pelo modo porque a *Gazeta Nacional* o affirma parece não poder haver duvida n'isso. O numero dos reunidos foi de 50 d'estes funccionarios.

Contra Noherlesoom.—Um collega de Lisboa, que não crê nos prognosticos do grande astronomo, escreve a seu respeito o seguinte:

«Não sabemos se veriam bem. O nosso amigo Noherlesoom tinha-nos promettido muito mau tempo no resto da primeira quinzena de outubro. Havia de chover, e ventar, o diacho. Principalmente o dia 11 devia ser um horror de chuva e vento. Ora desde o dia 9 o tempo é excellente e particularmente os dias 11, 12 e 13 teem sido formosissimos».

Como o collega ha muitos que não crêem nas predições do tão fallado astronomo.

Fallencia.—O tribunal commercial do Porto declarou em estado de fallencia a firma Almeida Braga e C.ª, d'alli.

Syndicancia.—Na administração do correio de Coimbra está-se procedendo a uma syndicancia, que não será sem resultado, diz um jornal d'aquella cidade.

Neve.—Já apparece na Serra de Estrella, e abundantemente.

Noticias d'Espinho.—Em 16.—O commissario de policia de Aveiro, acompanhado de varios guardas á paizana, deu hontem assalto aos baixos do hotel do Porto, prendendo o dono, o sr. Antonio Fernandes, e outros individuos e creados, e apprehendendo a mobilia. Os presos foram remettidos para o juizo da Feira, onde se affiançaram. Os *pontos* rasparam-se por uma porta travessa, e outros ficaram, mas não foram presos porque não estavam a jogar. A policia encontrou ainda bastante resistencia para entrar! Attribue-se a ida a Aveiro do administrador d'este concelho, para este novo assalto, visto elle estar aqui muito desprestigiado; mas não é homem que peça a sua demissão, tanto apegado está ao logar.

Previsão de tempo.—Segundo o *Boletim Meteorologico* de Noherlesoom, a segunda quinzena de outubro será de mau tempo, chuvoso e cortado de borrascas.

No primeiro periodo de 16 a 18, haverá chuvas em Hespanha desde as costas do Mediterraneo até ao centro da peninsula.

O segundo periodo de 19 a 21, será mais parecido com o inverno. Na noite de 19 para 20 cahirá neve.

O terceiro periodo de 22 a 23, será de temperatura mais moderada na peninsula.

O quarto periodo de 24 a 29, será o mais chuvoso do mez, e no quarto periodo continuará o tempo chuvoso com ventos de entre oéste e norte.

Diz isto Noherlesoom. O que se está vendo é, porém, o contrario.

Novo systema de lavar roupa.—O dono d'uma lavanderia de Paris tornou-se celebre em poucas semanas, proclamando que acabava de descobrir a maneira de lavar a roupa e de tirar toda a especie de nodoas ou manchas, sem necessidade de sabão, greda, potassa em alcalis. Não só o diz assim como o pratica. A roupa de linho, d'algodão ou de lã que se lhe entrega, torna como se fôra nova a seu dono, por mais suja que esteja.

O processo que se emprega na lavanderia não póde ser mais facil de praticar. Consiste apenas em ferver uma quantidades de batatas com a roupa e em seguida esfregar com as batatas já cosidas e bem quentes as manchas ou nodoas ainda as mais rebeldes.

As nossas lavadeiras que ponham os olhos n'este processo facil e barato,

Epilogo de um drama de amor.—No *Sud-Express* que ha dias partiu de Lisboa, ia uma dama esvelta e formosa, que ao chegar a Madrid, se hospedou, por indicação de outro passageiro, com quem em viagem travou conhecimento, no hotel de Pariz. installou-se no quarto 33 do 2.º andar, com o nome de miss A. Middleton Brown. Depois do almoço encerrou-se no quarto, levando comsigo uma garrafa de rhum. Pouco depois ouviu-se uma detonação. Fôra ella que desfechara um rewolver sobre o peito. Foi conduzida ao hospital onde se lhe extrahiu uma bala, que penetrára por baixo do coração, atravessando-a e indo alojar-se no cotovello esquerdo. O seu estado é gravissimo. Pelos papeis encontrados soube-se que era natural de Chicago, e que tinha 24 annos. Deixou uma carta em que dizia que se matava por causa de uma infeliz aventura amorosa. Miss Brown estava, parece, contractada para um circo de Pariz, e a causa da sua triste resolução foi, diz-se, o rompimento de ralações com um rapaz da aristocracia portugueza. Miss Brown, depois do almoço escreveu varias cartas para Chicago, Pariz e Lisboa e enviou-as para o correio. N'uma carteira encontraram-se-lhe apenas uma libra em oiro, cedulas portuguezas de 100 réis e alguns *duros*, ao todo uns 18$000 reis.

Miss Brown dsteve, pois, em Lisboa, onde deveria ser conhecida. *O Imparcial*, de Madrid, de onde tiramos esta noticia, nada mais diz sobre o triste caso. Quem é esse rapaz por causa de quem miss Brown quiz pôr termo á vida, é o que se ignora. Terá elle feito parte de alguma das ultimas companhias que trabalharam nos nossos circos?

As andorinhas.—O jornal *Transmontano*, de Villa Real, dá no seu numero de 5 do corrente, a seguinte noticia:

«Este anno tem-se observado um facto extremamente curioso e anormal no viver d'estas avesinhas. Apenas terminado o verão e a creação dos filhos, partiram os bandos, abandonando os ninhos como todos os annos sabem fazer. Mais tarde, porém, contra o seu costume, voltaram, para tornar a desapparecer d'alli a algum tempo, reapparecendo outra vez algumas semanas depois. E assim tem continuado apparecendo e desapparecendo com grande pasmo dos curiosos, que não sabem explicar a que se deve attribuir taes phenomenos.»

Arvore collossal e singular.—Em Torrozello, concelho de Ceia, n'uma propriedade chamada a Moita da Velha, perteneente ao sr. dr. José de Abranches, foi no dia 29 do mez passado cortada uma carvalha, que é uma verdadeira curiosidade no seu genero. Mede de altura 16 metros e de largura 0,^{m}75. No alto d'esta carvalha foi encontrada uma cerejeira, cuja existencia era geralmente ignorada, pois que esta se achava encoberta pelos famosos ramos que possuia. Bastante surprehendeu este achado os trabalhadores, encarregados de cortar este phenomenal arbusto, ainda que alguns garotos do sitio, famosos perseguidores de ninhos, já de ha muito se gabassem de saborear o precioso fructo da cerejeira.

Mercado de generos em Coimbra.—O azeite está alli pelo preço de 1$960 reis.

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:—Trigo de Celorico graudo 560, dito tremez 540, milho branco 320, dito amarello 310, feijão vermelho 500, dito branco 360, dito rajado 310, dito frade 330. centeio 400, cevada 260, grão de bico graudo 700, dito miudo 680, favas 370, tremoços 300.

Mercado de Montemór-o-Velho.—Os preços dos generos no mercado quinzenal de Montemór-o-Velho, foram os seguintes:—Milho branco 360 a 380, dito amarello 360 a 370, trigo branco 600, dito tremez 650, batata 280, tremoço 420, fava 500, arroz carolino (15 kilos) 1$100 a 1$150.

Despachos judiciaes.—Verificaram-se os seguintes:

Alberto de Seixas Pina Vas, nomeado contador e distribuidor em Coruche.

Francisco de Oliveira Cardoso Figueiredo, demittido do lugar de contador em Sines e nomeado para esse lugar *Agostinho José Domingues*.

Antonio Augusto Bandeira, exonerado de contador de Villa Flôr, sendo nomeado para o substituir, Antonio Augusto Pires.

Francisco José Ribeiro Seabra, exonerado de tabellião do concelho de Montemór-o-Novo.

José Rodrigues Prata, confirmada a sua nomeação para sollicitador na comarca de Lisboa.

Theotonio Patricio Alves, escrivão da 1.ª vara de Lisboa, concedida licença de 30 dias.

Miguel José Mendonça, concedida licença de 60 dias.

Theophilo Theodoro de Figueiredo, exonerado de sub-delegado do procurador regio da 3.ª vara de Lisboa e nomeado para esse lugar Souza Pires.

Annibal de Souza Lobão Macedo Chaves, nomeado sub-delegado do procurador regio na Povoa de Lanhoso.

José Valle Mattos Cid, em Vizeu.

As festas franco-russas.—*Toulon, 13.*—Estão concluidas as decorações da cidade. Grande multidão de milhares de pessoas affluc desde as 7 horas da manhã ao porto, procurando occupar os primeiros logares das filas. Os bufarinheiros vendem enorme quantidade de gravuras com insignias e emblemas franco-russos, e de vocabularios contendo as palavras mais usuaes da lingua russa com a respectiva traducção em francez. Numerosos barquinhos partem ao encontro da esquadra russa, outros transportam curiosos para diversos pontos da enseada. A's 8 horas e 45 minutos parte ao encontro da esquadra russa uma divisão ligeira franceza, a qual comprehende o cruzador *Davoust*, onde vão os membros da embaixada russa, mais 4 avisos portatorpedeiros e 6 barcos torpedeiros.

S. Petersburgo, 13.—Todos os jornaes russos celebram a visita da esquadra a Toulon, dizendo que o bom accordo franco-russo é uma solida garantia da paz.

Toulon, 13.—A esquadra russa desfila entre os navios de guerra francezes. Reina um enthusiasmo indescriptivel. Os marinheiros francezes gritam: «Viva a Russia!» e os russos: «Viva a França!» A multidao do povo acena com os chapeus e os lenços.

Toulon, 13.—Quando o almirante Avellan desembarcou e se dirigiu para a prefeitura maritima, a multidão, apinhada em todo o percurso, fez-lhe uma ovação indescriptivel aos gritos mil vezes repetidos de: «Viva a França! viva a Russia!» Todas as auctoridades foram apresentadas no caes ao almirante Avellan, que lhes apertou calorosamente a mão, e agradeceu em nome de todos os corações russos o acolhimento recebido. Depois o presidente do conselho municipal de Paris apresentou as suas homenagens pessoaes ao almirante Avellan, o qual lhe disse que terá muito prazer em visitar Paris. O ministro da marinha, ao receber o almirante Avellan na prefeitura maritima, deu-lhe as boas vindas em nome do governo francez, e disse-lhe: «A recepção memoravel de 1891 está presente a todos os nossos corações. Cronstadt e Toulon são d'aqui em deante datas que marcam o testemunho da sympathia que une as duas nações: russa e franceza.»

O almirante Avellan respondeu ao almirante Rieunier, dizendo: «Não é sómente a esquadra russa, é a Russia toda que ficará profundamente reconhecida ao vosso acolhimento.»

O maire, recebendo no paço municipal o almirante Avellan, disse-lhe: «Todos os corações francezes batem unisonos de affecto pela Russia. Os vivas e o enthusiasmo da França toda vos provarão quanto é profunda a amizade dos francezes pelos russos.»

O almirante Avellan teve de apparecer na varanda do paço municipal, e alli foi victoriado por mais de 10:000 pessoas aos gritos de: «Viva a Russia!» Quando o almirante regressou ao seu escaler, novas acclamações o saudaram.

Pisa, 13.—Os conselheiros municipaes de Paris dirigiram telegrammas de boas-vindas ao almirante Avellan, em Toulon.

Paris e muitas outras cidades da França estão hoje embandeiradas.

Toulon, 13.—O almirante Rieunier, ministro da marinha, deu hoje na perfeitura maritima um jantar de 61 talheres em honra da esquadra russa. O ministro ergueu n'estes termos um brinde ao czar:

«Levanto o meu copo em honra de *sua magestade o imperador Alexandre* III, cujo nome significa lealdade e poderio, e apparece aos olhos do mundo como o symbolo da paz. Com o mesmo sentimento de profundo respeito incluo n'esta homenagem a familia imperial e a Russia, inseparavel para nós dos votos que dirigimos ao seu illustre e venerando chefe. A sua magestade o imperador e á familia imperial!»

A musica tocou então o hymno russo, que todos os convivas escutaram de pé. O ministro levantou em seguida outro brinde, dizendo:

«Bebo á marinha e ao exercito da Russia, ás recordações gloriosas inscriptas em cada pagina da sua historia, e á confraternidade das nossas armas, nascida d'uma estima e sympathia reciprocas que uniram e devem unir sempre as nossas duas valentes nações. A' marinha e ao exercito da Russia!»

O almirante Avellan, respondendo ao ministro da marinha, fez uma saude ao presidente Carnot, e disse que ao entrar na enseada de Toulon comprehendeu a força naval da França, e que tem orgulho em vir pagar a visita de Constadt e lembrar que é amigo da França. Bebeu á marinha e ao exercito francez, e a toda a França.

Estas palavras foram acolhidas com enthusiasticos bravos.

Toulon, 14.—A cidade esteve esplendidamente illuminada á noite. A immensa multidão de povo victoriou o almirante Avellan, que appareceu na varanda da prefeitura maritima, e cumprimentou o povo. Depois a um signal cahiu tudo em absoluto silencio, e todos os officiaes russos gritaram: «Viva a França!» Os russos voltaram para os seus escaleres ás 11 horas no meio de novas acclamações. O almirante Avellan designou 50 dos seus officiaes para o acompanharem a Paris.

Paris, 14.—Hontem á noite celebraram-se festejos franco-russos em muitas cidades da França, nomeadamente no Havre, em Troyos e Cherburgo; houve illuminações, concertos e *retraites aux flambeaux*, reinando vivo enthusiasmo.

Toulon, 14.—Numeroso publico foi esta manhã visitar o navio almirante russo. Depois chegaram as delegações officiaes. O sr. Humbert, presidente do conselho municipal de Paris, transmittiu ao almirante Avellan o convite do conselho, dizendo: «Estareis em Paris como alliados, como amigos, como irmãos.» O almirante agradeceu, accrestando: «Teremos immensa satisfação em ir a Paris, pois que, a cada passo que damos, a França é seguida pela Russia.» O almirante recebeu seguida as delegações da maior parte das cidades de França. As delegações entregaram presentes, e leram mensagens de boas vindas. (*Havas.*)

Um filho a um pae.—George Gould, filho do fallecido millionario Jay Gould, mandou erigir uma egreja em memoria de seu pae em Roxbury, no estado de Nova York. Quando concluido, o custo do novo templo subirá a cerca de 2.500:000$00 reis. A egreja terá 250 pés de comprido por 125 de largo, e a sua architectura será do estylo Colonial, com retoques do Romanico. O orgão que deve ser collocado no templo custou 25:000$000 reis e será movido por electricidade. Na egreja, além do espaço reservado para os serviços religiosos, haverá uma bibliotheca, uma grande sala de jantar e uma sala para o pastor da egreja, mas estes aposentos serão construidos de fórma que n'um momento que se deseje possam transformar-se n'um só grande salão.

A exposição de Chicago.—Communicam de Chicago que terça-feira ultima, dia de festa n'aquella cidade, a exposição foi visitada por uma enorme concorrencia. No recinto da exposição entraram cerca de 750:000 pessoas. Em alguns sitios a circulação tornou-se difficil e até impossivel.

Conservação das pennas de aço.—Como é sabido, as pennas metallicas para escrever deterioram-se menos com o uso do que com a oxidação. O jornal scientifico, *La Nature*, apresenta o seguinte processo de conservar essas pennas:

«No fundo de um copo ou de qualquer vasilha de vidro deita-se um pouco de carbonato de potassa e sobre elle uma pequena esponja humida: Mette-se a caneta n'esse vaso, logo que se acaba de escrever, e no dia seguinte, graças á dissolução alcalina, que é contraria á oxidação, encontra-se a penna limpa como se fôra nova.»

Hespanhoes e marroquinos.—Os jornaes de Madrid vêem cheios de extensos pormenores relativos ao movimento de tropas que o governo hespanhol está tratando de enviar a Melilla. Como o representante do sultão de Marrocos se apresentasse em Melilla, pedindo ao general Margallo uma trégua, e affirmando que o sultão importa exemplar castigo ás tribus culpadas, alguns jornaes incitam o governo a que não interrompa o movimento de tropas para as praias africanas, pois não se póde dar credito ás arteiras palavras do funccionario que o imperador de Marrocos tem no Riff.

«Confiar em que o sultão castigará os brutaes ataques commettidos por gente sobre a qual só exerce uma soberania nominal; differir d'este modo a punição d'aquelles barbaros, cada vez mais ensoberbecidos e audazes, parece cousa tão pouco discreta, tão pouco prudente, tão pouco explicavel, que não deve ter cabimento na mente dos actuas ministros.»

Assim se expressa um jornal, de modo que a nota donominante em Madrid e em toda a Hespanha é extremamente bellica, a ponto de se dar como inevitavel a guerra, senão com Marrocos, pelo menos com as tribus do Riff. Diz até um correspondente que em conselho de ministros se resolveu já enviar para Melilla quinze batalhões de infanteria, com 500 homens cada um, o que faz um total de 7:500 soldados, afora a cavellaria, a artilheria e a engenharia, como correspondente material de campanha. As tropas que chegaram já a Melilla foram convenientemente alojadas entre a praça e os fortes avançados.

—Refere um correspondente que o ministro da guerra hespanhol ordenou que se preparem immediatamente, a fim de partir para Melilla, a bateria de montanha que presta serviço na guarnição em Sevilha. As tropas da marinha que hão-de ir para as aguas africanas vão ser armadas com as espingardas Mauser. Alguns jornaes de Madrid indicam que todas as tropas devem ir munidas com aquellas armas e não com as Remington, que usa o exercito hespanhol. As tribus riffenas, segundo calculos feitos por um correspondente, no caso de se prégar a guerra santa, pódem apresentar mais 50:000 homens armados, não disciplinados mas que não deixariam de combater com energia contra os inimigos do Islam.

A *Liberté* diz que se os hespanhoes invadirem Marrocos, não devem esperar opposição alguma por parte da França, que tem o maior empenho em que a civilisação penetre de modo seguro no territorio marroquino.

O *Matin* declara que a Hespanha tem muita razão em vigiar os negocios de Marrocos, por causa da cobiça da Inglaterra.

A *Republique Française* entende que a injuria feita á bandeira hespanhola pelos riffenos é grave, e que portante nada mais natural que a Hespanha queira desafrontar-se completamente. Ante uma tal empreza nem um só francez pensará em oppôr-se. Acrescenta que não póde dizer-se o mesmo da Inglaterra, mas que Hespanha não é Portugal, e a Inglaterra só tem roncarias e bravatas para os pequenos.

«A *Hespanha* conclue, pó le realisar resolutamente o castigo dos que a agrediram, sem se lhe importar com o mau humor britannico. A sua expedição constituirá um acto favoravel á causa do progresso e da civilisação. Todas as nossas sympathias acompanham os soldados que o general Margalla comanda.»

Lago esgotado.—Diz um jornal scientifico estrangeiro, que por motivo da exploração de umas minas de ferro, se trata de extrahir toda a agua do lago Angelina, que fica ao sul da cidade de Ichpening, perto do lago Michigan, nos Estados-Unidos. O engenheiro encarregado de effectuar os trabalhos, que duram ha 16 mezes, collocou para isso, ao centro de esse reservatorio de agua, uma bomba aspirante, rotatoria, de uma capacidade de mais de 90:000 litros por minuto, funccionando noute e dia.

Falta ainda seccar uma pequena parte mais funda da bacia, para o que o engenheiro vai fazer immergir na agua enormes cylindros, collocados verticalmente e atravessados por pequenos orificios, sendo precisos mais 15 mezes para pór totalmente sêcco o lago Angelina.

A esposa de Zola.—Os jornaes de Paris contam a seguinte aventura succedida á esposa do célebre romancista Emilio Zola: Madame Zola fôra fazer uma visita, mettendo-se em um carro de praça. Ao chegar ao seu destino, despediu o cocheiro, pagando a corrida. Logo que terminou a visita, sahiu dirigiu-se a pé para o seu domicilio. De repente um cocheiro que correra atraz d'ella, interpellou-a perguntando-lhe porque é que não lhe pagava. A esposa do célebre romancista respondeu que já tinha pago a corrida ao cocheiro que a conduzira, e que nada devia. O cocheiro não se deu por satisfeito, chamou um agente de policia, que obrigou madame Zola a ir até ao commissariado. Alli, madame Zola disse o seu nome, affirmou que tinha pago a corrida e que aquelle cocheira não era o que a tinha conduzido. O commissario mandou fazer um inquerito summario. Deante da casa d'onde madame Zola sahira alguns instantes antes estava uma senhora que procurava o cocheiro que a conduzira. Era precisamente a cliente do queixoso, que se obstinava a reclamar o seu dinheiro de madame Zola. O commissario então apresentou as suas desculpas á esposa do eminente romancista francez, obrigando o cocheiro a fazer o mesmo. Estas desculpas, porém, não evitaram á esposa do Zola o passar pela semsaboria de ir até ao commissariado acompanhada por um agente de policia.

A baroneza de Rahden.—A empreza do theatro parisiense Folies-Bergére fez ultimamente uma verdadeira surpreza ao publico que frequenta aquelle theatro, apresentando a célebre *écuyère* baroneza de Rahden, heroina de um drama que noticiamos. A apresentação da baroneza de Rahden causou verdadeiramente impressão no publico. A *écuyère* trabalhou no meio dos mais enthusiasticos aplausos. Ao fazer um dos seus exercicios, percorrendo o perimeiro da pequena pista, o cavallo tropeçou e cahiu. A baroneza, porém, conservou-se firme na sella, e fazendo levantar o cavallo, terminou o exercicio sob uma trovoada de bravos. Quando a baroneza de Rahden se retirou da arena, alguns jornalistas quizeram interrogal-a sobre os acontecimentos de Clermont Ferrand, mas a *écuyère* equivou-se a fazer quaesquer declarações, dizendo apenas que se travalhava era para viver ella e o marido que continúa preso em Clermont.

Demolição de duas prisões historicas.—Pariz vae ficar sem duas das suas prisões, a da Grand-Roquett e de Santa Pelagia. Estas duas prisões vão ser demolidas, construindo-se outras mais vastas na pequena localidade de Fresnes, perto de Berny.

A Grande-Roquette apenas tinha cincoenta annos de existencia, e o que constitue o caracter especial d'esta prisão, é que desde 1851 é a ante-camara da guilhotina. Alli são encerrados os condemnados á morte até á hora fatal, sendo-lhes reservadas tres cellulas. Foi em 24 de maio de 1871 que foram fuzilados alli no caminho chamado da Ronda, pelos soldados da Comuna, o arcebispo de Pariz, o presidente Bojean e os padres que o acompanhavam. A cellula em que foi encerrado o arcebispo e onde passou os seus quarenta dias de captiveiro, ainda se conserva intacta. Alli escreveu o desditoso prelade juncto a uns varões de ferro em fórma de cruz: *O crux, ave, spes uica! Spes unica!* Palavras que ainda se lêem e que alguns jornaes pedem que se conservem, sendo transportada a pedra para um muzeu publico. Quanto á prisão de Santa Pelagia é muito mais antiga que a Grande-Roquette tendo sido fundada em 1665, não como prisão mas como convento. Em 1792, no tempo da revolução, foi transformada em carcere. Alli esteve presa madame Roland e a célebre duqueza Dubarry e muitas outras victido Terror. Como se vê, são duas prisões historicas que desapparecem de Pariz.

Na Africa austral.—Communicam do Cabo que Cecil Rhodes, primeiro ministro da Colonia do Cabo da Boa Esperança, chegou ao Forte Salisbury, que pertence á Companhia ingleza da Africa do sul, de que Cecil Rhodes é um dos mais influentes directores. Cecil Rhodes esperava, por meio de um accordo com o regulo Lobengula ou com os delegados do chefe dos matabeles, evitar a guerra no territorio de Machona, mas os acontecimentos anteciparam-se e a missão do celebre ministro ficou frustrada.

Fortuna collossal.—Morreu em Tanger o maior capitalista do mundo, Abée Jubelide, que no concurso de millionarios de Paris em 1885 ganhou o primeiro premio. Esse potentado, possuidor d'uma fortuna que tocava as raias do ideal, foi sempre economico até ao extremo de suprimir todas as despesas superfluas. Quando viajava fazia-o com a maxima modestia. A sua fortuna dava-lhe um rendimento de 25$000 reis por segundo ou 2:170 contos de réis por dia! Na ultima visita que fez á Europa, Jubelide esteve em Sevilha, aonde contrahiu a doença que o levou á sepultura. Foi assistido pelas irmãsinhas dos pobres que, apesar dos seus esforços, não conseguiram convertel-o á religião catholica. Depois de convalescer deu 50 pesetas para o asylo onde foi tratado! No entanto, á hora da morte, remediou esse acto de avareza, legando ao mesmo asylo 500 contos de réis para serem applicados a enfermos e pobres impossiplitados.

Os Bancos nos Estados-Unidos.—Pelo que diz um jornal americano, é extraordinario o numero de Bancos que existem n'aquelle paiz. A totalidade é de 8:000 Bancos, sendo 3:700 Bancos nacionaes, 3:000 Bancos estadoaes e 1:300 Bancos particulares. Durante o ultimo semestre os depositos nos Bancos nacionaes elevaram-se a 1.500:000:000 dollars, nos Bancos estadoaes 650.000:000 e nos particulares 100.000:000. Afóra estes Bancos ha ainda 126 Caixas Economicas.

O caminho de ferro transiberiano.—Telegrafam de Solambal que no dia 29 de agosto entraram no porto de Kara os navios russos carregados de material para a construcção do caminho de ferro transiberiano. No dia 1 de setembro aportaram a Goltchikh, no Yenissei. Os navios foram acolhidos com vivas acclamações, sendo queimado algum fogo de artificio. Era a primeira vez que o pavilhão de guerra russo se mostrava n'aquellas tristes regiões. A expedição teve que cortar enormes blocos de gelo, que boiavam pelo mar de Kara. Tres barcos carregados de *rails* foram esmagados pelos gelos.

Papyrus archeologicos e litterarios.—Ultimamente chegou á bibliotheca da cidade de Genebra uma bella collecção do papyrus, comprada no Egypto com o producto de uma subscripção publica.

Entre estes papyrus foram encontrados magnificos fragmentos das duas epopeias de Homero, dos quaes o mais consideravel comprehende uma parte dos cantos XI e XII da *Illiada* e que não deixará de fazer meditar as criticas, pois deriva de uma edição muito diversa das actuaes. Tambem appareceu uma pagina do *Orestes*, de Euripides, cujo texto parece ser muito anterior ao dos mais antigos manuscriptos conhecidos.

O veneno da enguia.—D'uma communicação dirigida a Academia das Sciencias de Roma, resulta que as enguias e as moreias possuem um veneno semelhante ás viboras. Este veneno não está localisado na bocca, nem tem orgão para inoculal-o aos seus inimigos. Tal veneno, porém, submettido a temperatura de 100 graus, não produz effeito sobre o homem de estomago são, geralmente. Todavia, melhor será haver cautella, pois que o veneno que encerra uma enguia de 200 grammas de peso, será sufficiente para matar um homem.

RESOLUÇÕES DO SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Recurso n.º 7496, publicado no *Diario* n.º 167, de 28 de julho de 1893: —Relator o Ex.^{mo} Conselheiro Julio Marques de Vilhena:—«.....

Mostra-se que não existe no processo acta ou documento que prove ter a corporação recorrente auctorisado a defeza do pleito:

O que visto e o parecer do ministerio publico;

Considerando que á junta geral compete deliberar definitivamente sobre a defesa do pleito (codigo administrativo, artigo 54.º n.º 10.º), podendo esta attribuição ser exercida pela commissão districtal (citado codigo art.º 94.º §.º 10.º);

Considerando que tal deliberação sómente se pode provar pela respectiva acta (citado codigo artigo 33.º);

Considerando que, se o presidente da commissão districtal póde representar a junta em juiso (artigo 94.º §.º 2.º), deve entender-se isso, em vista dos citados artigos 54.º n.º 1.º e 94.º §.º 10.º), sómente no caso de ter sido auctorisada pela corporação administrativa a defesa do pleito, sem o que é parte illegitima para intervir no processo;

Considerando que se não prova que a junta geral ou a commissão districtal tenham auctorisado a defesa da presente causa:

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta, *rejeitar o recurso por ter sido illegalmente interposto.*

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 12 de maio de 1893.=Rei.=João Ferreira Franco Pinto Castello Branco».

Recurso n.º 8244, publicado no *Diario* n.º 149, de 7 de julho de 1893. —Relator o Ex.^{mo} Conselheiro Julio Marques de Vilhena.—«.....

Considerando que não existe prova no processo de que a camara houvesse deliberado defender este pleito (codigo administrativo, artigo 117.º n.º 9.º), deliberação esta que *sómente se provaria pela respectiva acta* (codigo citado, artigo 33.º);

Considerando que, d'este modo, não está verificada a legitimidade da recorrente;

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta, *rejeitar o recurso por ter sido illegalmente interposto.*

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 4 de maio de 1893.=Rei.=João Ferreira Franco Pinto Castello Branco».

Recurso n.º 8768, publicado no *Diario* n.º 190, de 25 de agosto de 1893.—Relator o Ex.^{mo} Conselheiro Julio Marques de Vilhena.—«Mostra-se que no processo não existe acta da sessão da camara em que esta auctorisasse o referido pleito:

O que visto e o parecer do ministerio publico;

Considerando que á camara compete deliberar definitivamente sobre a instauração e defesa de pleitos (codigo administrativo, artigo 117.º n.º 9.º);

Considerando que as deliberações se provam pelas respectivas actas (citado codigo, artigo 33.º);

Considerando que, faltando esse documento, não se prova a legitimidade da parte, pois que a faculdade que tem o presidente de representar a camara em juiso (citado codigo, artigo 123.º nº 4.º), deve entender-se em harmonia com os artigos 117.º n.º 9.º e 33.º, e por isso sómente depois de ter a camara deliberado sobre a instauração ou defeza do pleito;

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta, *rejeitar o recurso por ter sido illegalmente interposto.*

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 8 de junho de 1893.=Rei.=João Ferreira Franco Pinto Castello Branco».

Recurso n.º 7621, publicado no *Diario* n.º 196 de 1 de setembro de 1893. —Relator Ex.^{mo} Conselheiro Antonio Telles Pereira de Vasconcellos Pimentel.—«Mostra-se que o presidente da commissão executiva não foi auctorisado por esta a recorrer, nem se acha junta ao processo acta da deliberação da junta geral ou da commissão executiva sua delegada:

O que tudo visto e examinado e a resposta do ministerio publico;

.....

Mostra-se que tal deliberação só se póde provar pela respectiva acta, citado codigo, artigo 33.º,

Considerando que o presidente da commissão districtal póde representar a junta em juiso, artigo 94.º §.º 2.º, mas deve entender-se esta disposição em vista do citado artigo 54.º n.º 10.º, sómente no caso de ter sido auctorisado pela junta a defender o pleito, sem o que é parte illegitima para intervir no processo;

Considerando que se não prova, que a junta geral ou a commissão executiva tenha auctorisado a defeza da presente causa:

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

I

A TEMPESTADE

Era a noite de 15 de outubro de 1837. O *Poderoso*, excellente barco de novecentas toneladas, construido nos estaleiros de Inglaterra para uma casa hespanhola, singrava magestosamente nas aguas do Mediterraneo. Regressava pela segunda vez ao porto, depois de uma trabalhosa viagem de dois annos. A demora chegára a causar profunda inquietação a seu dono, o nobre armador e commerciante João de Marmontel. Muitas vezes, ao vêl-o aportar tranquillamente, dizia commovido entre si: «Um navio é para nós um ente querido que leva comsigo, quando se ausenta, as nossas esperanças e fortuna; é um pedaço da vida, que prezamos como a um filho, e que recebe como elle as nossas lagrimas e bençãos. Oh! como é formoso! como se balança galhardamente no quebrar da vaga! Se este navio naufragasse, o que Deus não permitta, creio que morreria de dôr!....»

Dois annos antes, Marmontel, presenciando o fundear do *Poderoso*, repetia estas mesmas palavras a um moço alto, pallido, louro, de olhar obliquo e gesto sinistro, o qual, recommendado por um judeu a quem os senhores G. H. Marmontel deviam grandes favores, vinha com o fim apparente de occupar um logar entre os capitães da casa. Chamava-se John Strey e era filho do contramestre do bergantin *Juan Lourenzo*: nada mais sabia o senhor de Marmontel relativamente a este adventicio.

Nós, porém, sabemos que John se demorara em Veracruz, em casa de outro commerciante a quem appelidavam o sr. de Moran. Moran sahira de Hespanha em 1830, causando muitas desgraças, e receiaudo a poderosa acção da justiça, não sabemos porque; depois, por motivos que mais adiante explicaremos, no mesmo dia da morte do seu patrão, de pobre que era tornou-se millionario. Isto excitou a indignação do commercio, e fez que os homens honrados, entre os quaes passára até então por um moço honesto, olhassem para elle com certa prevenção. Moran desprezava tudo isto, procurava enriquecer-se cada vez mais, e todos os annos lançava á agua uma nova embarcação. Chegou, porém, um dia em que os periodicos de Hespanha levaram ao Mexico a descripção do *Poderoso*, noticiando que fôra construido para transportar á America a correspondencia do governo. Ora, como isto e voltar á Hespanha fosse precisamente o sonho dourado de Moran, pensou este em desembaraçar-se d'aquelle navio. Para realisar tal desejo, procurou John Strey, enviou-o a Marmontel com cartas de recommendação, que este julgou autographas, e que não o podiam ser, porque o supposto auctor d'ellas havia fallecido um anno antes. Moran ouvira dos labios do moço capitão estas palavras:

— Prometto-lhe que, antes de dois annos, o *Poderoso*, se o dono m'o confiar, terá naufragado á vista do porto.

Por fortuna não lh'o confiou Marmontel. Chamava-se Anselmo o digncapitão do *Poderoso*. Anselmo, que então contava vinte e cinco annos, reunio aos seus apreciaveis dotes de marinheiro, a amisade do velho commerciante, que tendo-o perfilhado na infancia, amava-o como filho, e considerava-o já o presumptivo herdeiro da sua avultava riqueza. John travou conhecimento com Anselmo logo no dia da sua chegada, e este, que era franco, generoso e bom, offereceu-lhe amisade sincera. Conseguiu John ser admittido como immediato no *Poderoso*, apesar da opposição de Marmontel, que Anselmo poude vencer com a sua insistencia. John abraçou-o com lagrimas de contentamento, e pela noite de 15 de outubro de 1835 fizeram-se de vela com rumo para o continente phillippino. Exactamente dois annos depois, no mesmo dia e a egual hora, o *Poderoso* sulcava as aguas do Mediterraneo. A noite estava medonha: o vento refrescára; o mar engrossava rapidamente e á luz dos relampagos os mastros appareciam altos e nús como arvores sem folhas de um bosque fluctuante. Immovel no convez, com os braços cruzados no peito, o cabello eriçado e o olhor fito no horisonte, d'onde se erguiam fortes massas de nuvens illuminadas nas extremidades via-se um moço de uns trinta annos, a quem o timoneiro chamava capitão.

O arfar do navio era cada vez mais violento.

De repente, uma onda que entrara pela prôa e saira pela pôpa, varrendo a coberta, obrigou o timoneiro a dizer:

—A tempestade aproxima-se mister John.

—Vencel-a-hemos, — respondeu o moço marinheiro;—mas succeda o que succeder, se a tempestade vém...

John acabou o pensamento com as seguintes palavras que o timoneiro não poude ouvir:

—A tempestade me ajudará.

—Depois como fallando comsigo, continuou:

— Devem faltar umas seis horas para chegar ao rochedo N... A prôa está ao sul. Navegando a favor do vento, esta mesma noite encalharemos.

Ainda não tinha concluido esta phrase, quando a tremula claridade do relampago illuminou completamente uma pobre senhora que appareceu sobre a coberta com um menino nos braços, seguida de um formoso cão da Terra Nova. A desventurada teria uns dezoito annos e vestia de luto. Os seus olhos, de azul purissimo, revelavam ao mesmo tempo soffrimento e terror. Prendia-lhe os cabellos louros uma touca preta, emmoldurando-lhe o rosto, maravilhosamente formoso, mas intensamente pallido: esta pallidez tinha, comtudo, a claridade indecisa do crepusculo.

O sol no acaso é para o ceu o que são para o rosto do justo as fulgurações de uma alma que succumbe. N'aquelle, o ultimo raio traz a noite; n'este, o ultimo scintillar é o esquecimento.

O esquecimento! Impossivel! A humanidade não é tão ingrata que desdenhe uma terna mãe, vendo-a chorar, gritar, beijar freneticamente o filho de suas entranhas, e rogar a Deus, de joelhos, que lhe conserve aquelle anjo para quem reserva tantas lagrimas, a quem tem prodigalisado tantos beijos e tantas dedicação.

Era o que n'este momento praticava aquella infeliz, que se chamava Magdalena.

John, sem mover-se do seu logar, viu-a cair de joelhos, suffocar-se em lagrimas, apertar contra o tremulo seio o filhinho de dois annos, que com essa linguagem das creanças dizia a sua mãe por entre os beijos e soluços:

—Não chores mamam.

Não chores! Edade ditosa em que se vê no mar um espelho, e não um abysmo prompto sempre a tragar aquelle que o atravessa!

— Filho da minha alma — exclamava a pobre senhora, tão bella, tão virtuosa e tão desgraçada—choro porque perdemos tudo, e temo perder-te tambem a ti, que és a consolação unica da minha alma. Teu pae, o capitão mais valente de todos os marinheiros o homem mais honrado de todos os homens, o melhor dos esposos, o mais terno dos paes, morreu. Que hade ser de nós, meu filho, sem o seu amparo?

E a estas manifestações de dor succedia um longo silencio, durante o qual o menino emmudecia a mãe gemia, e John os observava attentamente.

Tambem o cão fitava na criança um meigo olhar. Depois soltava um uivo lastimoso que ia perder-se no espaço.

Quando a tormenta rugiu perto, John aproximou-se de Magdalena e obrigou-a a retirar-se. A infeliz voltou ao seu camarote; mas as lagrimas não se lhe estancaram.

O aspecto do perigo e a recordação da sua desgraça atormentavam-a cruelmente; temia a tempestade por seu filho, e relembrava que, mezes antes, trinta dias depois de partirem das Filippinas, seu esposo adoecera, morrera e fôra arrojado ao mar por ordem do immediato. Quem era seu esposo? O capitão Anselmo Iradier.

Por agora dispense-nos o leitor de lhe contarmos tudo quanto tem relação com a morte prematura d'este valente homem de mar; não poderiamos fazel-o sem transtornar a ordem dos acontecimentos. Baste-lhe saber que estava de perfeita saude quando saiu do porto com sua esposa; que John, a quem tanto protegia, era o seu maior inimigo, e tinha empenho em desfazer-se d'elle, não só para ser capitão do navio, mas por outras fortes causas, como verá depois. O certo é que, na mesma noite do fallecimento de Anselmo, John appareceu na cuberta e annunciou aos marinheiros a morte do capitão.

Estes sentiram-a; oraram pela alma do que tão bom, tão generoso tinha sido para elles, e proclamaram capitão John Strey.

Em quanto isto succedia, Magdalena, com o coração despedaçado, chorava amargamente a morte do espsso.

Em sua acerba dor, corria desolada pelo camarote, beijava o cadaver de Anselmo, apertava a fronte, abraçava freneticamente o filho, e exclamava no auge da desesperação:

—Que será de mim!...

E o cão, immovel, com a cabeça apoiada sobre as mãos estendidas, e os olhos fitos no cadaver como dois pyrilampos, ululava lugubremente. Entretanto o navio seguia a sua derrota, e a pobre Magdalena abandonava-se á mercê das duas soledades mais horriveis: a da alma e a do mar. Tinham decorrido quasi vinte e quatro horas depois da morte de Anselmo, cujo cadaver permanecia ainda sobre o leito, quando John se apresentou no aposento de Magdalena.

—Minha senhora—disse-lhe—bem quizera conservar o meu pobre amigo por mais tempo n'este navio; mas superior á minha dor e ao meu desejo, superior ao seu desespero, que tanto me penalisa, está a lei, que devemos acatar. A terra está ainda longe, e o cumprimento da ordenança é impreterivel: bem sabe, minha senhora, o que ella prescreve.

(*Continua.*)

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta *rejeitar o recurso por ser incompetente e illegitima a parte que figura na defeza do recurso e interposição d'elle.*

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 22 de junho de 1893.=Rei.=João Ferreira Franco Pinto Castello Branco».

(Esta mesma doutrina foi sustentada nos recursos n.os 8660, 7270, 9044 e 7250, publicados nos *Diarios* n.os 137, 201, 203 e 218, de 21 de junho, 7, 9 e 27 de setembro de 1893, dos quaes foi relator o Ex.mo Conselheiro Guilhermino Augusto de Barros; e no recurso n.º 8628, publicado no *Diario* n.º 136, de 20 de junho de 1893, do qual foi relator o Ex.mo Conselheiro José Luciano de Castro).

Recursos n.os 8742, 8747, 8752, 8757 e 8762, publicados no *Diario* n.º 21, de 26 de janeiro de 1893: —Relator o Conselheiro Julio Marques de Vilhena.—«Mostra-se que nos referidos processos recorre o escrivão de fazenda do concelho de Celorico da Beira das sentenças proferidas pelo juiz de direito da respectiva comarca, *sem que existam nem despachos do juiz mandando tomar o recurso, nem termo de recurso lavrado pelo escrivão dos processos:*

O que tudo visto e o parecer do ministerio publico em conferencia;

Considerando que taes formalidades não são dispensadas pelo decreto de 21 de abril ultimo, como se vê dos seu artigos 14.º e 16.º

Vista a disposição do artigo 19.º do regulamento d'este Supremo Tribunal.

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta, *rejeitar os referidos recursos, por não terem sido interpostos nos termos legaes.*

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 24 de novembro de 1892.=Rei.=José Dias Ferreira».

Recurso n.º 8732 e 8737, publicados no *Diario* n.º 30, de 7 de fevereiro de 1893:—Relator o Ex.mo Conselheiro Julio Marques de Vilhena.—«Mostra-se que nos referidos processos em que é recorrente o escrivão de fazenda do cancelho de Macieira de Cambra das sentenças proferidas pelo juiz da respectava comarca, não existe intimação ao recorrente *despacho do juiz mandando tomar o termo de recurso, termo de recurso lavrado pelo escrivão dos processos:*

O que visto e o parecer do ministerio publico, em conferencia;

Considerando que nenhuma das referidas formalidades é dispensada pelo decreto de 21 de abril de 1892, como se vê dos seus artigos 14.º e 16.º,

Vista a disposição do artigo 19.º do regulamento d'este tribunal:

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta, *rejeitar os referidos recursos por terem sido interpostos sem as formalidades legaes.*

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 24 de novembro de 1892.=Rei.=José Dias Ferreira».

Recurso n.º 8736, publicado no *Diario* n.º 27, de 3 de fevereiro de 1893: —Relator o Ex.mo Conselheiro José de Mello Gouveia.—«Mostra-se que n'este processo recorre superiormente o escrivão de fazenda do concelho de Macieira de Cambra, da sentença proferida pelo juiz de direito da respectiva comarca, sobre contribuição industrial, *sem que se veja nos autos o despacho do juiz mandando tomar o recurso nem o termo d'este recurso tomado pelo escrivão do processo;*

O que visto, e o parecer do ministerio publico em conferencia;

Considerando que as formalidades omittidas n'este processo não são dispensadas pelo decreto de 21 de abril ultimo, como se vê dos seus artigos 14.º e 16.º,

Vista a disposição do artigo 19.º do regulamento d'este supremo tribunal:

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta, *rejeitar o sobredito recurso por não ter sido interposto nos termos legaes.*

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 24 de novembro de 1892.=Rei.=José Dias Ferreira».

Recurso n.os 8741, 8746, 8751, 8756 e 8761:—Relator o Ex.mo Conselheiro José de Mello Gouveia.—«Mostra-se que nos referidos processos recorre superiormente o escrivão de fazenda do concelho de Celorico da Beira das sentenças proferidas pelo juiz de direito da respectiva comarca, sobre contribuições directas do estado, *sem que appareçam nos autos os despachos do juiz, mandando tomar os recursos, nem os termos d'estes recursos tomados pelos escrivães d'estes processos;*

O que tudo visto e o parecer do ministerio publico em conferencia;

Considerando que as formalidades omittidas n'estes procesos não são dispensadas pelo decreto de 21 de abril ultimo, como se vê dos seus artigos 14.º e 16.º,

Vista a disposição do artigo 19.º d'este supremo tribunal:

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta, *rejeitar os sobreditos recursos por não terem sido interpostos nos termos legaes.*

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 24 de novembro de 1892.=Rei.=José Dias Ferreira».

(Esta mesma doutrina foi sustentada nos recursos n.os 7095, 8738, 8743, 8758, 8748 e 8733, publicados nos *Diarios* n.os 17, e 36, de 21 de janeiro e 15 de fevereiro de 1893, dos quaes foi relator o Ex.mo Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro; e nos recursos n.os 8735, 8740, 8745, 8755, 8760 e 8755, publicados nos *Diarios* n.os 26 e 27, de 1 e 3 de fevereiro de 1893, dos quaes foi relator o Ex.mo Conselheiro Guilhermino Augusto de Barros).

AZEITÃO

PAÇO DOS AVEIROS EM SUAS RELAÇÕES COM A HISTORIA

VIII

DEPOIS DA ENTHRONIZAÇÃO DA DYNASTIA BRAGANTINA

Depois da condemnação do estouvado duque D. Raymundo, e encorporamento dos seus bens na fazenda real, D. Pedro de Lencastre, sua irmã Magdalena, o segundo marquez de Gouvêa, por sua mãe D. Maria de Lencastre, e o conde de Figueiró disputaram ao Estado a posse do ducado de Aveiro, sendo julgada a causa, em 1668, a favor de D. Pedro.

Por morte d'este duque, a casa foi julgada vaga para a Corôa; mas appareceram a disputar-lhe a posse D. Agostinho de Lencastre, filho do marquez de Porto Seguro, D. Maria de Guadalupe, que havia casado com o duque de Arcos, e D. Joaquim Ponce de Leon, filho primogenito d'estes ultimos. Em 1679 foi julgada a causa a favor de D. Maria de Guadalupe, a que succederam embargos, só resolvidos em 1681; no entanto a posse do ducado só podia ser conferida depois de a duqueza ter assentado residencia em Portugal. O rei e o duque d'Arcos não permittiram á duqueza a sua saída de Hespanha. Em 1692 D. Maria de Guadalupe cedeu os direitos ao ducado em seu filho 2.º D. Gabriel, conforme o expresso no contracto anti-nupcial d'aquella dama, em que se prescrevia que o ducado de Aveiro pertencesse ao 2.º genito se o primeiro houvesse preferido a casa de Hespanha.

Não obstante a sentença e contractos posteriores, o ducado continuou por muitos annos ainda sob a administração do Estado. Em 1685 era administrador Jorge da França, em 1711 e 1715 Manuel Lopes de Lavre e em 1727 o marquez de Angeja entrevinha nos contractos da casa. No palacio de Azeitão residia um almoxarife, cuja superintendencia se estendia á herdade do Pinheiro no termo de Alcacer, e á Albofeira e terrenos adjacentes nos limites de Cezimbra.

Não parecendo bastante a cessão de D. Maria de Guadalupe em seu filho Gabriel, D. Joaquim duque de Arcos, cedeu em seu irmão, já duque de Baños, os direitos, que podesse ter á casa de Aveiro. A fazenda real continuava todavia na administração dos bens e, quando em principio do seculo XVII Portugal pedia a paz á Hespanha, esta potencia incluia nas suas condicções a entrega do ducado de Aveiro ao duque hespanhol e Luiz XIV de França, chegou a escrever particularmente a D. João V sobre o mesmo objecto.

Durante estes litigios o rei D. João V, que tinha adoecido, veio, por conselho dos medicos convalescer para o palacio dos Aveiros. Desembarcou em Coina no dia 14 de junho de 1711, seguiu em coche para Azeitão e toda a comitiva a cavallo. Era acompanhado dos infantes D. Francisco e D. Antonio, do duque de Cadaval e filho do capellão-mor Nuno da Cunha, do mordomo-mór conde de Santa Cruz, do vedor da casa da rainha conde de Valladares, do gentil-homem da camara marquez de Alegrete, do aposentador-mór conde de Santiago, do monteiro-mór Francisco de Mello e do secretario de Estado Diogo de Mendonça. Entretanto foram chegando o marquez de Fontes, os condes de Coculin, do Redondo, de Pombeiro, de S. Lourenço, da Ericeira, de Unhão, e de Villa Maior, o capitão da guarda real com uma esquadra de archeiros e alguns moços da camara. Todo este sequito, numerosissimo pelo pessoal inferior adestrico, achou aposentos no palacio, ainda mobilado do tempo dos Aveiros; apenas o infante D. Francisco, que passava incommodado, foi alojarse no palacio de Ayres de Saldanha na quinta das Torres.

No dia 20 o rei passou a Setubal e d'aqui por Palmella e Coina para Lisba.

Em 1715 D. João V tornou a adoecer e era grave o seu estado. Em maio estava em extremo abatido e tão melancholico, que não havia distrail-o. Durante 6 semanas variava dia a dia de casas de campo dos arredores de Lisboa a que ia jantar e,apenas chegava a uma, desejava logo passar a outra. Lembrou-se de buscar o paço dos Aveiros em Azeitão, para onde partiu correndo ainda o mez e vinha tão enfermo e debilitado, que na jornada teve um deliquio de mais de duas horas; as melhoras, porém foram rapidas, e a 4 de junho já podia attender aos negocios do estado, declarando-lhe n'este dia o abbade Mornay, que Luiz XIV acceitava a garantia do tratado de paz com a Hespanha.

Era pelo tempo tal o estado financeiro da nação, que, no dia 18 de junho, o agente da França dizia, n'um despacho particular para o seu governo, que á rainha faltavam os meis para sustentar a sua casa e a dos principes em Bellas e que Diogo de Mendonça fôra de Azeitão a Lisboa e varrera todos os cofres para prover ás despezas do rei.

Por julho já D. João V fazia passeios á Arrabida, aprazendo-lhe acompanhar os frades á fonte da Samaritana, quando depois do jantar alli iam descalços e entoando o *Mizerere*, prover-se da agua necessaria ao consumo do convento.

Por meados do mez recebeu D. João V uma carta particular do rei de França, rogando-lhe a entrega da casa de Aveiro ao duque de Baños, *como esperava da sua equidade o faria por saber que era essa a norma das suas acções.*

Em agosto, quasi completamente restabelecido,regressou o rei a Lisboa.

Em 1731 a rainha Marianna de Austria estava com os principes no palacio dos Sousas na quinta de Calhariz, vinha em passeio a Azeitão descançando no paço dos Aveiros.

Tendo fallecido D. Maria de Guadalupe, duqueza d'Arcos e d'Aveiro em 1715, appareceram novas disputas sobre a successão do ducado de Portugal —foram oppoenentes o marquez de Unhão e o de Gouvêa, o conde de Villa Nova e D. Rodrigo de Lencastre, commendador de Coruche. Em 1718 um decreto do rei ordenou que o julgamento definitivo da causa tivesse logar dentro do praso prefixo de 9 mezes, e ainda assim a sentença só foi pronunciada em 1720; embargada, só teve a confirmação do juizo da corôa em 1824, e requerida a revista, foi negada pelo desembargo do paço em 1729. D. Gabriel de Lencastre, feito duque de Aveiro, chegou a Lisboa em fevereiro de 1732, fez acto de vassallagem em maio, entrando na posse dos bens e titulos em principio do mez seguinte.

Em 1745 o duque D. Gabriel era fallecido sem descendentes; portanto novas questões sobre a successão do ducado de Aveiro. Foram pretensores o conde de Unhão; o duque de Baños, filho do duque de Arcos; Manuel Bernardino de Carvajal de Lencastre e Noronha Sande Padilha Vevero e Montezuma, e D. Maria Symphorosa de Carvajal Lencastre, filhos habilitados do duque de Abrantes e de Linares D. João de Carvajal, e trinetos do 1.º marquez de Porto Seguro; o marquez de Gouvêa, trineto de D. Maria de Lencastre, filha da duqueza D. Juliana, e os procuradores da corôa.

Cada um buscou patrono nos mais abalizados jurisconsultos. Do conde de Unhão foi advogado Manuel Madeira de Sousa, que publicou uma allegação dos direitos do seu cliente em 1769—*Reparos apologeticos pela justiça da casa de Unhão*, com o pseudonymo de *Um zeloso da verdade*. O advogado do duque de Baños, D. Sebastião Martinez de Cabezon publicou uma allegação n'um folio de 1:223 paginas com 2:880 artigos. O advogado dos Carvajaes, Jacintho da Silva de Miranda, seguiu o exemplo dos collegas. Do marquez de Gouvêa conheço o *Discurso breve e juridico* publicado em 1748 e allegações de direitos de 1748, 1750 e 1751.

Os direitos do marquez de Gouvêa não seriam os mais fortes, mas tinha a fazel-os valer a influencia de seu tio fr. Gaspar da Encarnação no valimento rei. Em 1749 alcançou sentença favoravel, que só foi confirmada em 1752 e por decreto de 17 de agosto seguinte tomou posse da casa e ducado com excepção dos bens das ordens.

Esta excepção era o raiar da aurora de um governo de reconstrucção social parecido com o reinado de D. João II.

(Continúa).

J. Rasteiro.

A FAVOR DO CLERO

VERDADES

Não ha hoje classe que, com suas queixas, não esteja sempre em juizo, correndo todas as instancias, e subindo a todas as appellações.

Como são muitas, e todas a pleitear, algumas só tarde ganham a demanda, outras nunca chegam a vencel-a. Ainda estas teem uma esperança:—e quanto mais allegam seus direitos, mais lhe parecem irem-se enchendo de rasão.

Bem averiguadas, todas estas causas teem a mesma origem ou visam ao mesmo fim—a lucta pela vida, como se diz agora para explicar tudo que se não sabe explicar d'outro modo. Vão perante que estação forem estas requestas, que logo parecem aggravos, pela imprensa transitam sempre, e d'ahi levam considerandos, que lhe dão força.

De uma só classe sabemos, que, tendo tanto de que se sentir, nunca vem articular em litigio. Dir-se-hia não ter causa propria, ou não se ter feito para ella a justiça.

A's reclamações das classes acode-se com reformas succesivas, que quando mesmo sejam para peor, o que é vulgar, affirmam o proposito de attendel-as, embora revelem a impossibilidade de bem servil-as.

O clero parochial costitue uma classe, que, por tratar dos negocios espirituaes, deveria ser a primeira. E' certo que esses negocios estão ao presente muito fallidos; mas o que fica ainda das relações, que tem com os interesses temporaes, bastaria para lhe assegurar a sua supremacia social. Ou seja para assumptos, que prendem com a eternidade, ou para outros, que se relacionem com o tempo, o facto é que não passa um instante sem que esteja alguem a bater-lhe á porta.

Do que ninguem se lembra é de como essa classe vive, das difficuldades com que lucta e, não raro, das privações que soffre. E se alguem se lembra, finge que não, ou tem vergonha de dizer que sim, o que vem a dar na mesma.

Não sabemos bem porque, sempre que se vae para fallar em assumptos ecclesiasticos, não falta logo quem leve o dedo á bocca, para impor silencio e atalhar a questão. A's vezes não é desdem, é medo, é pejo,—a apprehensão talvez de que, o maior serviço que se póde fazer ao clero é deixal-o esquecer; não seja que lembrado lhe peorem ainda as condicções. Visto que quem não é contra elle o deixa só, nós, que temos mais amor á solidão do que ao povoado, folgamos muito de acompanhal-o no seu abandono, porque reconhecemos os seus serviços, e avaliamos devidamente as suas circumstancias. São muitas as razões d'este viver calamitoso dos parochos. Uma d'ellas encontra-se, logo á primeira vista, na desigualissima circumscripção ecclesiastica. E' sabido que as estradas ordinarias e os caminhos de ferro operaram uma revolução completa na chorographia do nosso paiz. Approximaram umas povoações, e distanciaram outras. Engrandeceram umas localidades e empobreceram outras. Mas a antiga divisão parochial subsistiu. Ha freguezias cuja area é enorme; ha outras que quasi não tem rasão de ser. Não ha parochos que cheguem para o serviço, como está distribuido; d'ahi a necessidade das accumulações, sempre trabalhosas, e excepcionalmente remuneradoras. Mas esta necessidade justifica-se por haver egrejas que dão ao parocho cem mil reis por anno, o que equivale á impossibilidade de haver quem as sirva.

Se se procedesse a um arredondamento, em que se conciliassem os interesses dos povos com a congrua sustentação dos parochos, nem haveria reclamações por parte dos primeiros, nem haveria a miseria para os ultimos. Mas isto não se faz, nem se ha de fazer, emquanto a politica local não se metter a fazel-o.

Nas freguezias ruraes o principal, quando não o exclusivo rendimento dos parochos consiste nas congruas. Não ha contribuição de tão incerta cobrança. Se contra as execuções fiscaes é sabida a indignação contra as d'este imposto especial subiria de ponto, no dia em que se movesse. O melhor dos impostos perde-se nas despezas da arrecadação;—o que custa a arrecadação d'este excede, ás vezes, a importancia que o parocho recebe.

Como toda a amortisação, a dos passaes foi uma violencia. Do que por elles o Estado deu aos parochos, já lhe tem tirado o que tem querido, quando assim o entender, tirar-lhes-ha o resto.

O parocho paga todas as contribuições, como um contribuinte com mum; paga outras especiaes, como se fôra funccionario, embora não tenha vencimentos dos cofres publicos. Affectando uns restos de commiseração para com os seus destinos, na velhice, asseguravam-lhe a aposentação... se quizessem contribuir para ella. Acceitou, convencido de que, quando já não podesse mexer-se para trabalhar, não teria que arrastar-se para pedir esmola. Pela sua parte cumpriu a condição imposta. Fixaram-lhe uma quota, tem'n'a pago. Constituido legalmente no direito de se aposentar, requereu a aposentação, quando era tempo de lhe ser dada. Mas não o attendem. Em relação á caixa das aposentações, deu-se com o parocho um facto, que se não dá com associado algum, e que é por tal modo violento, illegal e despotico, que chega a ser incrivel; o parocho é só contribuinte, contribuinte da sua instituição que lhe não aproveita, contribuinte para um fim que lhe não diz respeito, visto que, quando pede a garantia que foi adquirir, quando invoca o direito que foi conquistar, a resposta que lhe dão é não fazer caso d'elle. Eis a situação d'esta classe, cujos legitimos interesses, á força de serem sagrados—e é isto, provavelmente, o peor que tem contra si—temos muita honra em advogar. Podemos não ser escutados—é o mais provavel,—mas ainda assim, não deixa de ter a sua utilidade o que fazemos, porque o que fazemos importa um protesto contra uma das maiores iniquidades do nosso tempo. Isto é sem contestação.

AS TENDENCIAS ACTUAES DO CLERO FRANCEZ PARA SAHIR DO ISOLAMENTO (1)

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o bello artigo que, com esta epigraphe, publica o *Moniteur de Rome*. E' uma excellente resposta a muita inconveniencia que se tem escripto—diz a *Ordem*:

«Os nossos leitores lerão com interesse as considerações do distincto religioso Padre Schwalm, sobre a attitude actual do clero francez. Já no mez de dezembro de 1892, o R. P. Schwalm publicou na *Sciense Sociale*, um artigo sobre o *Isolamento do clero de França*. Esse artigo demonstrava o que ha de falso e funesto nas doutrinas liberaes de 1830, circumscrevendo o padre á sacristia, reduzindo-o ao papel de eremita no meio d'uma sociedade, onde, pelo contrario, devia ser apostolo e inspirador. Voltando a este assumpto, o auctor observa que, graças a Deus, o clero começa a comprehender que ha mais a fazer, para um parocho, do que assistir aos moribandos e confessar alguns devotos. Manifesta-se por toda a parte, e sobre tudo nos jovens sacerdotes, uma nova tendencia; sentem que ha em roda d'elles um povo para converter e salvar, que é necessario ir para elle resolutamente, viver a sua vida, entrar ao corrente das suas aspirações e das suas necessidades e arrancal-o ao atheismo. Mas quantas ideias falsas vêm esterilisar estas excellentes intenções! Quantas vezes não ouvimos dizer: «—Seria necessario, para que podessemos ter influencia sobre o povo, que a religião fosse respeitada e protegida; se tivessemos um bom governo, respeitador dos direitos da Egrejas, e se a classe rica nos secundasse em nossas obras com o apoio dos seus recursos e da sua influencia, poder-se-hia fazer muito bem».—A isto, o R. P. Schwalm responde com grande justeza:

«Os apostolos não esperaram, para evangelisar as provincias do imperio, um bom Cesar, um bom governo. Evangelisaram os pobres, os escravos, todas as classes, antes que houvesse bons patricios. Em primeiro logar crêram no poder do seu sacerdocio e da sua missão, na necessidade de sacrificar os defeitos do seu caracter, e depois fallaram e procederam segundo a sua fé e o seu grande senso. No seu tempo, os patricios e o imperio converteram-se ao christianismo».

«Alguns sacerdotes esmorecem deante das difficuldades e não entram resolutamente em acção. Não comprehendem estes a missão que lhes incumbe. E' bom praticar boas obras, formar associações, confrarias, circulos catholicos; mas tudo isto é destinado a uma elite, aos que não teem respeitos humanos. E para os outros, para os adversarios, para a massa, que fazer? Devemos dizer como certos parochos que conhecemos: «Os inimigos são inconvertives, não os podemos chamar a bom caminho? As conferencias são um meio para o clero, de se relacionar com o povo; alguns sacerdotes têm-se aproveitado d'este meio com coragem e affrontaram nobremente as tempestades das reuniões publicas. Mas o que é isto? Uma conferencia isolada, será porventura sufficiente para esclarecer os operarios illudidos pelos jornaes? O conferente poderá enthusiasmar o seu auditorio e despertar no coração dos seus ouvintes sentimentos de fé, levando-os a acclamarem o nome de Jesus Christo; oito dias depois, o conferente das lojas maçonicas logrará tambem enthusiasmar o mesmo auditorio. Não é assim, diz o P. Schwalm, que devemos proceder; o clero deve proceder como os missionarios; viver no meio das classes populares, fazer-se conhecido e escutado, não uma ou outra vez, mas constantemente. A imprensa é tambem uma obra util perante a qual o clero tem deveres a cumprir. Mas tudo isto, as obras, as conferencias, a imprensa, não constituem toda a missão do sacerdote, são apenas *auxiliares*, mas que nunca poderão substituir a acção directa, a influencia pessoal, que é o grande elemento da obra apostolica. Se o clero se intrincheira nas suas obras, não sahirá nunca do isolamento que o paralysa e cujos effeitos funestos começa a conhecer. E' necessario que o sacerdote viva com o povo, que nada espere dos outros, nem do governo, nem dos ricos.

(1) Pelo R. P. Schwalm, dominiciano.

SECÇÃO AGRICOLA

TRABALHOS VITICOLAS NO MEZ DE OUTUBRO

Terminada a vindima e concluidos os trabalhos do lagar, enceta o viticultor o seu anno economico. No mez de outubro os trabalhos viticolas resumem-se a tres operações distinctas—a descava de agua, a póda temporã e a enxertia do outomno. A descava de agua é uma operação viticola de vantagem reconhecida, e que deve ser feita em quanto as terras não estão encharcadas, sendo, por isso, de muita utilidade, quando feita n'este mez, após as primeiras aguas. Na occasião de fazer-se a descava, devem cortar-se todos os rebentos emanados dos cavallos e as raizes dos garfos que porventura appareçam. N'algumas regiões viticolas do paiz é costume começar a poda n'este mez. Não aconselhamos esta pratica, porque a seiva, que n'esta epoca está ainda em elaboração, derrama-se em abundancia pelos córtes feitos pelo podão ou secator, depauperando muito as cepas. A enxertia do outomno deve fazer-se n'este mez, para que os garfos soldem antes da chegada do inverno.

Esta enxertia, que já contava poucos adeptos, foi ultimamente condemnada em França, no congresso que teve logar em Montpellier, aconselhando o relator da segunda secção do mesmo congresso, o professor, M. J. Foex, *que se prefira sempre a enxertia da primavera por dar resultados mais seguros.* As bacelladas novas devem ser lavradas ou cavadas n'este mez, e as ervas ruins convenientemente escolhidas e queimadas.

—

TERRA NORMAL

Diz-se terra normal a terra apta para todas as culturas mais difficeis. E' esta que se chama uma terra perfeita; e, para que o seja, é necessario que contenha os quatro elementos: Se não tiver areia, é pouco permeavel e muito fria. Se não tiver argilla, não assimila nem conserva os gazes atmospherico e os elementos mais indispensaveis á vegetação, é demasiado secca e pouco consistente. Se não tem calcareo, a decomposição dos estrumes não se faz regularmente, e a putrefacção pode accommetter o solo. Se é pobre em terriço, falta-lhe um dos elementos que, por varios modos contribue com maior efficacia para a alimentação vegetal. Uma terra, pois, possue todas as qualidades agricolas quando é formada, pouco mais ou menos, de:

Areia e pedras	54
Argilla	30
Calcareo em pó	5
Terriço	10
Saes soluveis	5
	100

Uma terra assim constituida é que se costuma tomar com modelo para melhorar as menos perfeitas.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas electricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho postal—AVEIRO.

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico,dito ao (frasco de 100 grammas),io do formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue,limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse,bronchite,asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

———

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas,tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa,limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

———

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão,Nervoso,Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis,e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª,rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.°
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar,* da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas,* que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

BONITO CAVALLO

VENDE-SE um cavallo,de mais da marca de quatro para 5 annos,para cavallaria, podendo servir tambem para carro. N'esta redacção se diz com quem se trata e onde pode ser visto.

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873,* e *com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879,* acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos,* são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating,* e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.° andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

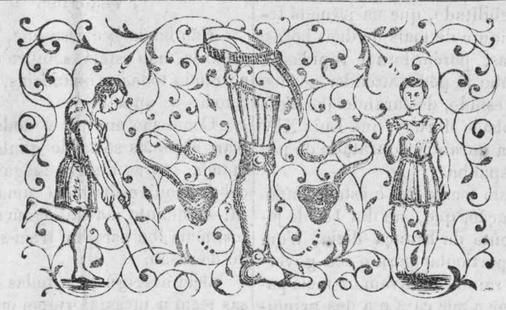
Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120 !
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41



UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaesemechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executa dos estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D Pedro, 50, Lisboa

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 3$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

———(*)———

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA
Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

AMA DE LEITE

OFFERECE-SE uma. Na typographia d'este jornal se diz.

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras. uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

CAL

FORNECE-SE para qualquer parte em grandes e pequenas quantidades. Preços sem competencia. Pedidos a Manuel Q. Valente.

CANTANHEDE — SEPINS.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro,incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.°—LISBOA

DICCIONARIO

CHOROGRAPHICO DE PORTUGAL

(PARTE CONTINENTAL E INSULAR)

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e concelhos, etc., etc. Mencionando todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distancias das fregnezias ás sédes dos concelhos, e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, postaes, telegraphicas, telephonicas, do serviço de emissão de vales do correio, de encommendas postaes, repartições com que as differentes estações permutam malas, et., etc., etc., por F. A. de Mattos, empregado do ministerio da fazenda.

1 volume com mais de 800 paginas, 1$600 reis. A' venda nas principaes livrarias, e na administração da empreza editora *O Recreio,* rua do Marechal Saldanha, 59 e 61.

TABOADA INTUITIVA

NOVO METHODO

RACIONAL E PRATICO

DE APRENDER A TABOADA

DE

Sommar, diminuir, multiplicar e dividir

POR

MARIO SUL

Preço (com instrucções)..... 50 réis.
Sem instrucções..... 30 réis.

A' venda em todas as livrarias e no deposito principal—*Typographia da «Beira Baixa»,* editora—FUNDÃO.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração, Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

530

«mesmo instrumento, *que fatal sempre a todas as causas, que «se servem delle, parece fadado por Deus para ser o açoute «dos que acreditam n'elle.»*

«O *Estandarte* não annuiu á hypocrisia de uma politi-«ca, que retirando-se do perigo por egoismo, metteu a elle os «amigos credulos *para os gastar,* segundo se disse.»

«O *Estandarte* achou sempre *torpe e falso* o calculo de «fundar a elevação pessoal nos cadaveres dos homens, que se «votavam ao serviço do mesmo principio; detestou sempre a «tactica fabiana, *que explora a venalidade, emprega a corru-«pção, e maneja o servilismo para tornar o regimen represen-«tativo o holocausto dos caracteres publicos, o leilão indecente «das opiniões, a recamara dos capachos mais abjectos.*

«Do presidente do conselho sahiu a invenção do ostra-«cismo que *desde 1840, successivamente, privou o partido car-«tista da cooperação dos talentos distinctos.* Negando accesso «ás ambições legitimas, oppondo repressão exclusiva a todas «as justas exigencias, *a sua politica pessoal, que agora se ob-«serva com toda a nudez, occupou se unicamente de incutir o «erro, de que a salvação estava só n'elle, e que se devia an-«nullar a quem não se submettesse a servir de instrumento «passivo.* Foi assim, que estreitando cada dia mais o circulo «dos naturaes defensores das idéas moderadas, e resumindo «tudo em si, não duvidou comprometter na sua causa pessoal, «a causa do paiz e das instituições. A Providencia permitta «que não sejam fataes as consequencias d'este procedimento...»

O retrato é de mestre; as feições moraes do conde de Thomar não podem ser mais parecidas; e não admira; o pintor é seu irmão, e conhece-o desde a infancia.

Depois d'esta revelação significativa, depois de patenteado o egoismo sem entranhas, e o calculo sem principios, que toma para base da politica a diffamação, a intriga e a perfidia, a quem importarão n'este paiz as insinuações do conde de Thomar, assim convencido por seu irmão, de nada respeitar desde os laços faternos até ás maximas elementares da moral e da justiça? Quem não perdôa ao seu proprio sangue e aos vinculos da amisade, quem só medita no modo de

535

A voz que relata e accusa estas galhardias, é a voz de um irmão ferido pelo mesmo punhal, que antes d'elle passára o peito a muitos outros; é a voz do sr. José Bernardo da Silva Cabral, que foi ministro da justiça e que é conselheiro de estado. Que na sua posição não é um diffamador ou um novelleiro. Todos se podiam enganar com o conde de Thomar, menos elle. *Ninguem de certo ousará dizer que mentiu,* quando rasgando o véo, rompendo o sigillo, e encostando á tribuna da imprensa o peito coberto de condecorações, exautorou solemnemente um irmão, o irmão que fóra para elle mais que um filho querido, e lavrou assim o epitaphio de toda a vida publica ao actual presidente do conselho.

Esta confissão espontanea da verdade, este brado da consciencia contra o proprio sangue é a maior, a mais inconcussa prova da traição, que dirigiu em todos os actos a fementida alliança do conde de Thomar com o duque de Saldanha.

O marechal invoca-a, porque a julga opportuna para convencer os mais; para si não precisava d'ella; sabia tudo já de muito antes do ortigo do *Estandarte.* Não ignorava por que serie de intrigas se lhe alienavam os amigos, e se tolhia a acção do seu governo. Por occasião da segunda reconstrucção do gabinete não lhe foi desconhecido o ardil empregado para evitar, que o sr. Avila, hoje ministro da fazenda com o conde de Thomar, entrasse com a pasta do reino na sua administração. A deputação enviada para notar a repugnancia, que inspiraria como ministro o sr. Avila, por ter negado a legitimidade da camara, foi uma verdade e não um sonho. Estão vivos os actores, e o facto é notorio, além d'isso, apenas chamado o conde ao poder as apprehensões passaram; e o sr. Avila foi *puritano.*

Tambem não é um mysterio para o duque a deploravel farça urdida a respeito do projecto de lei sobre a colonia de Mossamedes, as evoluções secretas para abalar a maioria, e a fuga ridicula para a *Mealhada.* O *Estandarte,* alludindo a esta e outras traições, ameaçou devassa-las se o provocassem, e nunca foi provocado. Esta é a verdade. O conde de Tho-

534

isso preferin retirar-se da administração a romper uma lucta, que aos olhos de muitos, (menos instruidos nas intrigas subterraneas do ministro da rainha em Madrid) poderia assumir o caracter de simples rivalidade pessoal. Deixou todo o campo ao ambicioso insaciavel, cedeu-lhe sem pesar as redeas do governo; e fez sinceros votos até para que a fortuna o uma boa politica, convertendo-o, o possesem em caso de triumphar dos obstaculos, que lhe via eminentes. Depois dos manejos e das ardilosas evoluções do conde este comportamento do duque é o mais, que humanamente se podia sacrificar ao amor da paz e das instituições.

Eis o que diz o sr. José Bernardo no seu n.° 540, de 9 de novembro, artigo principal:

«Os factos não passam debalde. Sabemos soffrivelmente «e á custa de dolorosa experiencia a historia contemporanea. «Ainda estamos no mesmo anno que viu cahir o duque de Sal-«danha e levantar-se o conde de Thomar sobre as ruinas de «aquelle que *abraçava* como amigo. Ninguem ignora os ma-«nejos empregados para precipitar, pouco a pouco no abysmo «o rival politico mais habil nas artes da guerra, do que nas «altas faculdades de administração. Tratou-se de *gastar um «nome e uma influencia. Ateou-se a scisão no seio dos minis-«terios para os dissolver por si mesmos; preparou-se a cabal-«la na camara; fomentou se a aggressão fóra della; e detraz «de uma cortina transparente contemplaram-se as convulsões «da victima, zombando da sua agonia.* A verdade é que o «marechal encontrou um assassinio, onde lhe tinham jurado «que acharia uma protecção.

«A duplicidade e o egoismo d'estas tramas, dignos da «historia dos Serralhos barbarescos revoltam e causam pro-«fundo desgosto. No governo representativo a tactica das cil-«ladas e de assaltos nocturnos; a lenta propinação do veneno «com as falsas apparencias da amisade, tanto odio frio, tanto «calculo ciumento, tamanho egoismo indifferente ao escandalo «e á traição dos meios, são verdadeiros phenomenos, são abor-«tos moraes, que condemnam ao mesmo tempo o coração do «homem e a immoralidade da politica.»

531

assassinar a honra e o credito dos que teme para rivaes, merece por ventura mais, quando accusa, do que o silencio reprovador dos homens, que não abdicaram diante da ambição todos os sentimentos humanos?

Dominado por uma estrella má, prevertendo nos governos todos os preceitos, que geram a confiança, e criam a dedicação, o conde de Thomar só tracta de se cobrir com o manto inviolavel da corôa para escapar aos tiros, que o perseguem de todos os lados. Desde 1840, (di-lo o sr. José Bernardo) desde 1840 que este homem levantado sobre o sangue das praças pelas descargas da linha em 1838, não pensa e não trabalha senão em beneficio proprio. Presente fatal do partido setembrista tem sido o açoute constante dos defensores das opiniões moderadas, o coveiro de dous codigos, e o Verres dos mais distinctos talentos,

Estavamos fortes e unidos; tinhamos comnosco os cidadãos mais eminentes; não pesavam sobre a nossa honra, não empanavam a nossa gloria crueldades nem suspeitas infamantes... veio elle, e as luctas civis repetiram-se; e o enfraquecimento começou pela successiva retirada dos homens notaveis; e a causa da ordem descendo da altura de um principio vacillou na movediça base de um monopolio de familia. Tudo se transformou, tudo se envenenou, e no seu egoismo vandalico, o ministro omnipotente não recua hoje sequer diante dos respeitos sociaes e das conveniencias politicas mais rudimentaes.

Ora é este mesmo homem, que seu irmão em um momento de expansão, descreve com as bellas qualidades de um aborto moral, é este mesmo ministro sem coração e sem memoria, que accusa o duque de Saldanha de trahir todos os exemplos de seus maiores, e todos os deveres do seu juramento!

Sr. conde de Thomar! João Carlos de Saldanha, desde 1826 que é cartista; não precisou para ser eleito deputado em 1834 da supposta conspiração do Forjaca, e do horrivel episodio, que a consummou. Não se fez demagogo em 1836 depois de 9 de setembro, prégando as maximas da seita exal-